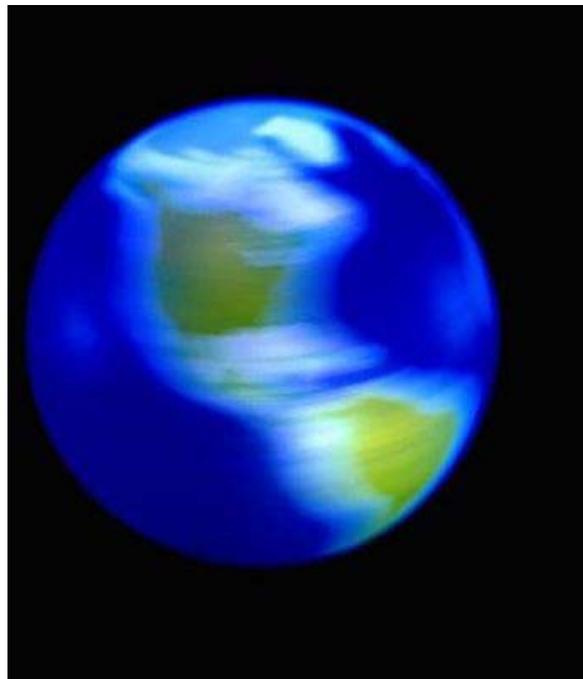


# América Latina em movimento.

## Algumas notas



## Editorial

Algo se move na América Latina. Quem o ignora? Como entender e interpretar o que está acontecendo? Nesta edição, procurando entender melhor o que ocorre neste continente, entrevistamos Luiz Eduardo Wanderley, sociólogo e ex-reitor da PUC-SP, José Comblin, teólogo e um dos maiores conhecedores do continente; Edson Antoni, pesquisador dos movimentos sociais latino-americanos, especialmente o EZLN e o MST; James Petras, sociólogo, sempre polêmico nas suas reflexões; Cláudia Wasserman, historiadora; e Horácio Verbitsky, jornalista argentino que se tornou uma referência nos estudos sobre a duríssima ditadura militar que, precisamente, há 31 anos se instalou na Argentina. Assim, temos algumas notas, ainda esparsas, que podem contribuir para que, numa futura edição, possamos dar conta do que se passa nesta nossa América. A constatação da Prof.<sup>a</sup> Cláudia Wasserman, da UFRGS, nos desafia: “Os intelectuais latino-americanos não têm conseguido dar respostas aos problemas atuais e nem interpretar o que vem ocorrendo”. Aceitamos o desafio e voltaremos ao tema.

A exibição da “Trilogia das cores”, de Krizstof Kieslowski, o ciclo Jesus no Cinema - realizado em Porto Alegre -, a exposição de fotos de Sebastião Salgado, *Êxodos*, e dos belos ícones de Maria Cecília Anawate, além da apresentação de corais, dentro da programação

tendo em vista a celebração da Páscoa, constituem, nesta semana, um momento de alta densidade artístico-místico-espiritual no IHU. Nos dias 29, 30 e 31 de março, teremos as audições comentadas do Credo das Missas *BWV 232*, de J. S. Bach, e *K 427*, de W. A. Mozart; do *Himmelfarhtsoratorium* (Oratório da Ascensão) *BW 11*, de J. S. Bach; e de *Die sieben letzten Worte unseres Erlösers am Kreuze* (As sete últimas palavras de nosso Redentor na cruz), de J. Haydn, da *Krönungsmesse* (Missa da Coroação) *K 317*, de W. A. Mozart, e, em Porto Alegre, da *Paixão de Cristo segundo São João - BWV 245*, de J. S. Bach. As audições comentadas estarão sob a coordenação competente e ungida da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Caznok, da UNESP.

Ana Formoso, teóloga, escreve, neste tempo de solidariedade com quem faz teologia na nossa América e é duramente censurado, o belo artigo “*A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino*”.

A todas e todos uma ótima semana e uma excelente leitura!

## Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

### A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Luiz Eduardo Wanderley: “Existem múltiplas Américas Latinas”

PÁGINA 06 | Edson Antoni: A emersão de um novo tipo de ação política na América Latina

PÁGINA 09 | José Comblin: Os movimentos sociais fortes são os indígenas

PÁGINA 10 | James Petras: Uma América Latina com quatro poderes

PÁGINA 13 | Claudia Wasserman: Um neonacionalismo popular na América Latina

PÁGINA 14 | Horacio Verbitsky: Nação Sul-americana vive hoje uma conjuntura excepcional

### B. Destaques da semana

» Filme da Semana

PÁGINA 16 | Maria Antonieta

» Entrevista da Semana

PÁGINA 19 | Aloisio Teixeira: Um debate sobre o socialismo de ontem e hoje

» Teologia Pública

PÁGINA 22 | Sobre a censura do Vaticano ao teólogo Jon Sobrino

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 28 | Destaques On-Line

PÁGINA 31 | Frases de Semana

### C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 33 | Agenda de Semana

PÁGINA 35 | Stela Meneghel: Memórias de uma aberração

PÁGINA 38 | Temístocles Cezar: A historiografia de Varnhagen e Capistrano de Abreu

PÁGINA 41 | Décio Andriotti: Missas solenes

PÁGINA 44 | Enéas Costa de Souza: Liberte, Egalité e Fraternité

PÁGINA 47 | Giovanni Alves: Como enlouquecer seu chefe

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 50 | Rosane Marques

» IHU Repórter

PÁGINA 52 | Eliete Mari Doncato Brasil

## “Existem múltiplas Américas Latinas”

ENTREVISTA COM LUIZ EDUARDO WANDERLEY

*Na opinião de Luiz Eduardo Wanderley, “não existe uma América Latina, mas múltiplas, o que exige estudos concretos de situações concretas. Em cada época - colonização, independência, república, imperialismo e dependência, modernização capitalista - houve convergências e diferenças enormes na formação de cada povo, nas lutas políticas, nas elites, nas classes dominantes e dominadas, nos processos educativos e culturais, e assim por diante. Portanto, não se pode generalizar”. Wanderley foi reitor da PUC-SP, é professor titular do Departamento de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), coordenador do Núcleo de Estudos Latino-Americanos da pós-graduação em ciências sociais dessa instituição.*

*É um dos organizadores das obras América Latina - Estado e reformas numa perspectiva comparada. São Paulo: Cortez Editora, 2003; A dimensão subnacional e as relações internacionais. São Paulo: EDUC/EDUNESP/EDUSC/Fapesp, 2004; e Governos subnacionais e sociedade civil: integração regional e Mercosul. São Paulo: EDUC/EDUNESP/FAPESP, 2005. Escreveu Educar para Transformar - Educação Popular, Igreja Católica e Política no Movimento de Educação de Base. Petrópolis: Vozes, 1984 e O que é Universidade. 3ª. ed. São Paulo: Britannica-Brasiliense, 1984. A entrevista que segue foi concedida por e-mail.*

*Wanderley graduou-se e Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), onde também cursou especialização em Dinâmica Populacional da Faculdade de Saúde Pública. Ele fez o doutorado em Ciências Sociais na USP, com a tese “Educar para transformar: educação popular, igreja católica e política no movimento de educação de base” (1961-1965). É pós-doutor pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, (EHESS), França, e livre docente pela USP.*

**IHU On-Line - Quais são as particularidades da questão social na América Latina?**

**Luiz Eduardo Wanderley** - A questão social na América Latina se põe, no espaço e no tempo, diferentemente da realidade européia, na instituição da nacionalidade, da esfera estatal, da cidadania, da implantação do capitalismo. Portanto, apesar da importância da questão operária, ela deve ser datada e entendida de modo

diferente. Ela emerge com a questão indígena, depois com o tema da formação nacional, e vai se desdobrando e se problematizando nas temáticas negra, rural, operária, da mulher, da exclusão, da violência etc. Ela se funda nos conteúdos e formas assimétricas assumidos pelas relações sociais, em suas múltiplas dimensões econômicas, políticas, culturais, religiosas, com acento

na concentração de poder e de riqueza de classes e setores sociais dominantes e na pobreza generalizada de outras classes e setores sociais que constituem as maiorias populacionais dos países da América Latina, e cujos impactos alcançam todas as dimensões da vida societária, do cotidiano às determinações estruturais<sup>1</sup>.

**IHU On-Line - Como podemos entender toda essa movimentação latino-americana nos últimos anos? O que está por trás das ações dos movimentos sociais e da sociedade civil? Uma nova América Latina está se formando?**

**Luiz Eduardo Wanderley** - Há múltiplas Américas Latinas, o que exige estudos concretos de situações concretas. Em cada época - colonização, independência, república, imperialismo e dependência, modernização capitalista - houve convergências e diferenças enormes na formação de cada povo, nas lutas políticas, nas elites, nas classes dominantes e dominadas, nos processos educativos e culturais, e assim por diante. Portanto, não se pode generalizar. Algumas situações que surgiram: impactos negativos da globalização neoliberal (desemprego estrutural, aumento da pobreza e das desigualdades sociais, privatizações etc.); resistências, mobilizações e práticas inovadoras de ONGs e movimentos sociais; crise dos partidos políticos e da democracia representativa (descrédito na política oficial, por exemplo). Irromperam, então, lutas de setores expressivos nos governos e em setores da sociedade civil, querendo mudanças. Mas existem discordâncias sobre os projetos de sociedade e sobre as estratégias, que se refletem nas lideranças e na militância. Os processos de integração regional no continente avançaram muito pouco.

---

<sup>1</sup> Ver de L. E. Wanderley, *Modernidade e Pós-modernidade e implicações na questão social latino-americana*. In: Bernardo, T. e Almeida Resende, P-E. (orgs.). *Ciências sociais na atualidade: realidades e imaginários*. (São Paulo: Paulus, 2006). (Nota do entrevistado)

**IHU On-Line - Como o senhor define a relação entre os movimentos sociais e alguns governos sul-americanos que chegaram ao poder em boa medida pelo impulso que as lutas e protestos deram à cena política em seus países?**

**Luiz Eduardo Wanderley** - Na linha anterior, movimentos políticos e sociais, e membros de alguns partidos que chegaram ao poder, se uniram na busca de soluções. Algumas iniciativas são importantes: busca de identidade e de protagonismo (movimentos étnicos, indígena e negro, de gênero); movimentos pela paz, pelos direitos humanos, ecológicos; novas figuras políticas (por um lado, buscando afirmação e encaminhando ações de mudança; e por outro lado, correndo o risco de um novo tipo de populismo); iniciativas inovadoras (orçamento participativo, economia solidária, conselhos gestores etc.). Tudo está requerendo mudanças e medidas criativas e em profundidade nas instituições políticas, nos partidos, nas lideranças, nos meios de atuação, na gestão pública, nas políticas públicas. Portanto, os cenários políticos são complexos e não aceitam fórmulas fáceis.

**IHU On-Line - Em recente visita a América Latina, o presidente Bush foi alvo de muitos protestos. Quais seriam os reais interesses de Bush na América Latina?**

**Luiz Eduardo Wanderley** - Na atual conjuntura, os blocos regionais (União Européia, Ásia, NAFTA etc.) estão se articulando. Na linha do “destino manifesto” e com a presente liderança da potência norte-americana, os Estados Unidos querem expandir seu domínio pelo mundo. A América Latina sempre foi entendida como um “quintal” do Império, mas no governo Bush ela ficou meio escondida. Alguns interesses são conhecidos: manter a *pax americana* na região; combater possíveis mudanças radicais no que eles entendem por democracia; combater o narcotráfico; prevenir surtos terroristas; garantir a aceitação e a realização do

Consenso de Washington, entre outros. Com a política do governo Bush, com destaque para as guerras (Afeganistão, Iraque) e outras possíveis (Irã etc.), ele está em baixa na opinião pública de seu país e no mundo (com protestos generalizados). É claro que os setores de oposição ao Mercado e à sua política, na América Latina, também protestam e protestaram em sua visita. Seus objetivos nessa visita, além dos citados: o etanol como uma bandeira que agradou a mídia e setores expressivos das elites; o livre comércio (se possível, revitalizando a Alca de acordo com os interesses dos EUA; se não, a curto e médio prazos, fazendo Acordos bilaterais com cada país, no estilo Chile e Colômbia).

**IHU On-Line - Podemos considerar três grandes “ondas” na América Latina: Bush lutando pela Alca, Lula lutando pelo Mercosul e Chávez lutando pela Alba. Em qual dessas “ondas” o senhor aposta? Para onde estamos caminhando?**

**Luiz Eduardo Wanderley** - Sobre o Bush já foi comentado. Lula buscou ampliar as relações externas do Brasil, com a China, a Índia, a África do Sul, e articular os países emergentes no G20. Na América Latina, houve a intenção de uma integração maior, no âmbito sul-americano. O Mercosul é um dos objetivos, com enormes dificuldades. A integração “bolivariana”, de Chavez, tem forte apelo pessoal do mesmo e finalidade de agregar os governos mais críticos aos EUA, utilizando o instrumento petróleo. Assim sendo, no momento o processo está fragmentado e dividido. É difícil prever o futuro.

**IHU On-Line - Qual tem sido o papel da Igreja Católica enquanto resistência social e cultural na América Latina? Como isso se configura com a Igreja de hoje?**

**Luiz Eduardo Wanderley** - A Igreja Católica sempre teve um papel forte nas sociedades latino-americanas. No geral, historicamente, pendendo para uma posição

conservadora. Basicamente, após as Conferências de Medellín, Puebla (em Santo Domingo menos), e pela presença de movimentos ligados à Teologia da Libertação, a chamada Igreja Popular passou a ter uma posição progressista, tanto de resistência, quanto de apoio e participação ativa em denúncias e proposições. Posição, no geral, combatida por setores influentes do Vaticano. Hoje, apesar das mudanças na teologia da libertação e de um certo refluxo nas posições políticas, essa corrente continua presente, nas pastorais sociais, no Grito dos Excluídos, nas CEBs, em certos grupos de teólogos e pastoralistas, (e na CPT e em documentos da CNBB, no Brasil).

**IHU On-Line - O que faria parte de uma agenda alternativa para a América Latina? Quais caminhos ela deveria percorrer para garantir sua independência? A integração energética seria um caminho?**

**Luiz Eduardo Wanderley** - As alternativas macro são limitadas e de difícil concretização. No nível micro, elas são crescentes e em expansão. Algo já foi indicado, com a economia solidária, projetos de inclusão social, novas formas de gestão entre governos e sociedade civil. Ganham corpo propostas de uma globalização contra-hegemônica, que levará tempo. Um sinal de esperança e de construção de novas utopias surge com as redes e fóruns, com a bandeira de que “um outro mundo é possível”, com as manifestações coletivas em diversas partes do mundo contrárias ao neoliberalismo. As redes e fóruns asseguram a autonomia dos movimentos e setores participantes, e se descentralizam (nos planos local, nacional, regional, mundial). No campo teórico, são expressivas as discussões sobre teorias dissipativas, complexidade, holismo, cosmogonia, transdisciplinaridade, modernidade e pós-modernidade entre outras.

# A emergência de um novo tipo de ação política na América

## Latina

ENTREVISTA COM EDSON ANTONI

*Edson Antoni estudou as relações entre o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). Sobre esses dois movimentos e sobre a América Latina, ele concedeu uma entrevista por e-mail para a IHU On-Line. Edson possui graduação e mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo sua dissertação o título Os novos movimentos sociais latino-americanos: o EZLN e o MST. Tem experiência na área de História, com ênfase em História da América. Na entrevista, Antoni fala do surgimento de “novos movimentos sociais”, que são movimentos “responsáveis, entre outros, por um processo de revalorização da ação política e resignificação de alguns conceitos clássicos de democracia, participação política, justiça social, entre outros”.*

*Eis a íntegra da entrevista concedida por e-mail:*

**IHU On-Line - Qual a dinâmica social que move a América Latina de hoje?**

Edson Antoni - O atual contexto político-social latino-americano pode ser compreendido a partir de uma dupla perspectiva: se por um lado, apresenta-se como o resultado de um processo de redemocratização (de restabelecimento de direitos), por outro, demonstra claramente os limites e o descrédito com o próprio modelo democrático. A ação de governos autoritários durante os anos 1960-1980 foi significativa na estruturação das forças políticas contemporâneas, uma vez que foram responsáveis, em seu tempo, pelo enfraquecimento estrutural dos canais clássicos de participação política. A retomada da atividade político-partidária, que inicialmente fora muito comemorada, acabou por denunciar, muito brevemente, a fragilidade organizacional e ideológica dos novos partidos. A grande expectativa gerada a partir da superação dos governos

militares, progressivamente, cedeu espaço para um sentimento de frustração, à medida que os projetos políticos colocados em prática não atendiam às necessidades básicas da população. Os governos que se sucedem não conseguem apresentar alternativas viáveis a fim de superar os graves problemas sociais existentes.

É, pois, dentro deste contexto, que vemos emergir um tipo novo de ação política. Ação esta conduzida por aquilo que podemos definir como “novos movimentos sociais”. Longe de representarem os clássicos canais de participação política, como organizações sindicais, partidos políticos ou grupos guerrilheiros (característicos das décadas de 60-70), estes “novos movimentos” apresentam uma nova pauta de reivindicações e um novo tipo de atuação junto à sociedade civil e frente ao poder político instituído. São movimentos responsáveis, entre outros, por um processo de revalorização da ação política

e ressignificação de alguns conceitos clássicos de democracia, participação política, justiça social, entre outros.

***IHU On-Line* - Qual sua opinião sobre a relação entre os movimentos sociais/ sociedade civil e os governos latino-americanos?**

**Edson Antoni** - Estes “novos movimentos” têm buscado se apresentar como novos e legítimos interlocutores da sociedade civil. Querem representar uma alternativa ao tradicional e desgastado sistema político. A ação destes movimentos busca construir, junto ao conjunto da sociedade, uma nova relação identitária. Como encontramos expresso em um comunicado feito pelo Subcomandante Marcos<sup>1</sup>: “Somos ya producto de ustedes, de su palabra y de su aliento. Hoy ya no hay más el ‘ustedes’ y el ‘nosotros’. Somos los mismos”. O que tais movimentos buscam é a constituição de uma grande frente de luta e reivindicações, afastando-se das antigas lideranças personalistas ou mesmo das vanguardas revolucionárias.

Em sua Quinta Declaración de la Selva Lacandona, o Ejército Zapatista de Libertación Nacional (EZLN) convoca a sociedade como um todo para que participe ativamente do movimento que propunha uma grande transformação social, política e econômica. “Es la hora de los campesinos, de los obreros, de los maestros, de los estudiantes, de los profesionistas, de los religiosos y religiosas consecuentes, de los periodistas, de los colonos, de los pequeños comerciantes, de los deudores, de los artistas, de los intelectuales, de los discapacitados, de los seropositivos, de los homosexuales, de las lesbianas, de los hombres, de las mujeres, de los niños, (...). Las llamamos a que, junto a los pueblos índios y a nosotros, luchemos contra la guerra y por el reconocimiento de los derechos indígenas, por la

---

<sup>1</sup> Subcomandante Marcos: líder enigmático do movimento Zapatista, hoje conhecido como Delegado Zero. (Nota da *IHU On-Line*)

transición a la democracia, (...) por una sociedad tolerante y incluyente (...).

A busca da construção desta legitimidade por parte dos movimentos não é, contudo, um fenômeno tranquilo. A ação repressiva dos governos, em muitos casos, surge como uma alternativa de intimidação aos movimentos, bem como de manutenção do monopólio do espaço político. Percebemos, a partir destes enfrentamentos, o embate não só físico, mas de duas distintas concepções de ação política.

***IHU On-Line* - Qual seria o papel de Chávez na América Latina? Com que olhos você vê o “socialismo do século XXI” proposto por ele?**

**Edson Antoni** - Com relação à ação de Hugo Chávez no contexto político latino-americano, acredito que esta deverá ser pensada dentro de um outro contexto de análise. O exemplo de Chávez afasta-se dos chamados “novos movimentos sociais” uma vez que, no meu entendimento, este pauta suas ações a partir de um conjunto de práticas e pressupostos teóricos politicamente tradicionais. Não podemos negar que sua figura política, dentro do continente, vem ganhando cada vez mais destaque. Contudo, acredito que uma reflexão mais profunda acerca deste governo nos aproximaria de um fenômeno político que vem sendo definido como o “novo populismo” latino-americano.

***IHU On-Line* - Que paralelos podemos traçar entre o Ejército Zapatista de Libertación Nacional e o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra?**

**Edson Antoni** - A pesquisa que venho desenvolvendo propõe, justamente, um estudo comparativo entre o EZLN e o MST. Longe de buscar forçar qualquer tipo de situação, a fim de aproximar os dois movimentos, acredito que o estudo comparativo deva levar em consideração, além das similaridades entre os movimentos, as suas peculiaridades. Assim, trabalhamos com um conjunto bastante grande de informações. De um modo geral, poderíamos afirmar que o

principal elo de ligação entre o EZLN e o MST está, justamente, no fato de que ambos, dentro de suas especificidades históricas e nacionais, são representantes dos chamados “novos movimentos sociais”. Atuam junto à sociedade civil, por meio de novos canais participativos, a fim de constituir uma nova alternativa política.

***IHU On-Line - Qual a particularidade do MST enquanto movimento social brasileiro e latino-americano? Qual é a novidade e os limites dele? O que de mais importante ele trouxe e traz para a movimentação social latino-americana?***

**Edson Antoni** - Com relação às novidades propostas pelo MST, acredito que podemos citar, entre outras, a formação de coletivos dirigentes (afastando-se das lideranças personalistas) e a redefinição de participação política, a partir do incentivo à atuação do conjunto de todos os membros da comunidade. Acredito já ser um papel de destaque do movimento manter viva a luta pela reforma agrária no país. Contudo, o incentivo à mobilização da sociedade civil, a partir de seus diferentes setores, confere ao MST (e a todos os novos movimentos sociais) a sua principal identidade e contribuição política.

***IHU On-Line - Qual sua opinião sobre o subcomandante Marcos? Qual sua importância para o EZLN, para o México e para a América Latina?***

**Edson Antoni** - Com relação à figura do Subcomandante Marcos, acredito que possamos caracterizá-lo como uma das maiores lideranças políticas do México e, por que não dizer, da América Latina. Certamente o universo de comparação da atuação de Marcos não pode ser analisado a partir de referências tradicionais de atuação política. Marcos não chegará à condição de grande estadista (estaria negando as suas próprias crenças), todavia o seu trânsito político, em diferentes níveis da sociedade mexicana e latino-americana, o coloca como um importante referencial. Além de propor, desde o surgimento do movimento zapatista, em 1994, uma nova forma de fazer política do ponto de vista teórico-

conceitual, a ação de Marcos contribuiu também para a transformação das práticas políticas das comunidades indígenas. O movimento indígena mexicano possui uma longa trajetória de subordinação e de insucessos. As relações clientelísticas, impostas por partidos políticos ou outras organizações sociais, impunham à comunidade indígena uma condição de subserviência. O surgimento do EZLN e a visibilidade conquistada pelo movimento (muito influenciada pela figura de lideranças como a do Subcomandante Marcos) levou o movimento indígena mexicano para um novo nível de atuação. As questões anteriormente pertinentes às comunidades indígenas agora foram transformadas em questões de importância nacional.

***IHU On-Line - Como você define a Outra Campanha e a sua postura na época das eleições? Seria um exemplo de movimentação social para os demais grupos latino-americanos?***

**Edson Antoni** - Com relação à chamada “Outra Campanha” acredito que esta possa ser compreendida, antes de mais nada, como uma grande representação de uma nova forma de fazer política. Cabe neste momento uma ressalva: o abstencionismo não garantirá o surgimento de um novo governo. Antes, sim, demonstra uma nova forma de mobilização social. A campanha iniciada poderá servir como uma espécie de grande plebiscito, uma forma de representação da aceitação, por diferentes setores da sociedade, das propostas de mudanças estruturais defendidas pelos novos movimentos sociais. O grande valor da “Outra Campanha” está associado, muito mais, à mobilização social que propõe e que conquistou do que à não participação eleitoral. O caráter simbólico de negar os tradicionais e desacreditados canais de participação política pode ser uma outra forma de representação da “Outra Campanha”, que poderá servir como exemplo de atuação para outras regiões do continente.

## Os movimentos sociais fortes são os indígenas

ENTREVISTA COM JOSE COMBLIN

*José Comblin, residente no Brasil há várias décadas e um dos maiores conhecedores dos problemas teológicos e eclesiais da América Latina, concedeu a entrevista que segue para a revista IHU On-Line por e-mail. Ele veio para o Brasil a convite de D. Hélder Câmara, arcebispo de Recife. Foi expulso do Brasil pelo regime militar. Autor de inúmeros livros, vive, atualmente, no sertão da Paraíba. O padre José Comblin dedicou-se à teologia durante 50 anos. Na América Latina, participou do primeiro grupo dos futuros teólogos da teologia da libertação ainda em gestação nas reuniões de Cuernavaca, Petrópolis, Montevideu e Santiago em 1964 e nos anos seguintes. Nos últimos 30 anos, dedicou a maior parte do seu tempo à formação de leigos. Esteve primeiro na raiz das equipes de formação de seminaristas no campo em Pernambuco e na Paraíba (1969), do seminário rural de Talca (1978) e de outro, na Paraíba, em Serra Redonda (1981). Estas iniciativas deram origem à chamada "teologia da enxada". Comblin esteve na origem da criação dos Missionários do Campo (1981), das Missionárias do Meio Popular (1986), dos Missionários formados em Juazeiro da Bahia (1989), na Paraíba (1994) e em Tocantins (1997). Orientou cursos de formação de animadores de comunidades de base com um grupo de colaboradores (1981).*

*José Comblin, autor de inúmeros livros, escreveu A Ideologia da Segurança Nacional: O poder militar na América Latina. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978. Confira a entrevista que realizamos com ele, sob o título Uma radiografia da América Latina, na edição nº 176 da IHU On-Line, de 17 de abril de 2006.*

**IHU On-Line** - Como podemos entender o novo panorama político latino-americano? Quais os possíveis rumos da América Latina, considerando os novos presidentes eleitos?

**José Comblin** - Sem dúvida, a presença dos Estados Unidos será menos forte. Há uma tendência geral para líderes carismáticos, como Hugo Chávez e Evo Morales, mas há outros, como Lula, que não querem o apoio popular e têm medo dele. No entanto, o sistema dito democrático tem perdido legitimidade e a porta está aberta para modelos diferentes.

**IHU On-Line** - Em que sentido podemos perceber a influência da Teologia da Libertação na forma de administrar dos novos presidentes latino-americanos?

**José Comblin** - O presidente da Venezuela, ou Evo Morales, não têm muita dependência da teologia da libertação. Os novos presidentes irão necessitá-la para lutar contra as posições conservadoras da hierarquia, mas esta, todavia, não está generalizada.

**IHU On-Line** - Como entender a movimentação social que tem acontecido na América Latina? Qual a origem e a explicação desse movimento por parte da

sociedade civil e dos movimentos sociais que tem equilibrado nossos países latinos?

**José Comblin** - Os movimentos sociais fortes são os indígenas. Os demais são muito débeis. Mais do que a força dos movimentos sociais, o que os movimenta é a rejeição à corrupção e à ineficiência do sistema democrático. O desafio é formar movimentos sociais a partir dessa rejeição.

**IHU On-Line** - Podemos considerar três grandes “ondas” na América Latina: Bush lutando pela Alca, Lula lutando pelo Mercosul e Chávez lutando pela Alba. Em qual dessas “ondas” o senhor aposta? Para onde estamos caminhando?

**José Comblin** - A Alca já morreu. Os Estados Unidos tratam de impor tratados de livre comércio com cada país. Mercosul e Alba combinam a médio prazo. O

problema é a lentidão do Brasil, pois somente o Brasil pode liderar.

**IHU On-Line** - Quais os maiores desafios dos novos governos latino-americanos? Estados Unidos? FMI? O que mais ameaça a independência da América Latina?

**José Comblin** - O grande obstáculo é interno: a força das elites que monopolizam todos os poderes. Chávez pôde fazê-lo porque tem petróleo. E as elites estavam em um estado de corrupção mais adiantado. As elites não querem fazer nenhuma concessão. É necessária uma força popular muito mais organizada.

## Uma América Latina com quatro poderes

ENTREVISTA COM JAMES PETRAS

*O sociólogo e professor da Universidade de Binghamton, em Nova Iorque, James Petras, conversou com a IHU On-Line por telefone sobre as configurações de uma atual América Latina. Falou em quatro poderes, de uma economia brasileira cada dia mais privatizadora, da integração energética e de um líder chamado Hugo Chávez.*

*Petras é autor de diversos livros como Brasil e Lula: Ano Zero. Blumenau: Edifurb: 2005. O professor já concedeu entrevista à IHU On-Line na edição número 180, de 15-05-2006. As Notícias Diárias do site do IHU também já publicaram diversas de suas contribuições, como o artigo As razões da luta dos imigrantes nos EUA, veiculado em 5-5-2006. Confira a íntegra da entrevista.*

### ***IHU On-Line - Hoje, qual seria uma perfeita radiografia da América Latina?***

**James Petras** - A radiografia da América Latina deve ser compreendida a partir de uma distinção entre quatro poderes. Primeiro, existe uma esquerda radical revolucionária que se encontra em diferentes movimentos sociais. Por exemplo, o grupo Farc<sup>1</sup> na Colômbia, os setores de movimentos indígenas e sindicais na Bolívia e Equador, os setores de esquerda radical no Brasil, como o PSTU<sup>2</sup>, e os setores extraparlamentares na Argentina e Uruguai, que são grupos pequenos. Além deles, podemos citar Oaxaca<sup>3</sup>, no México. Este é um setor que tem um programa anticapitalista e uma perspectiva de luta que vai além de uma simples eleição.

Depois, temos uma esquerda pragmática que inclui, por exemplo, o governo de Hugo Chávez (Venezuela), Raúl Castro, em Cuba. Podemos considerar também o grupo de oposição de esquerda na Argentina, a esquerda sindical na Bolívia, os movimentos populares no Peru e o governo de Evo Morales na Bolívia. Este é questionável, na minha opinião, porque na prática política é um governo que chamo de pragmático neoliberal, que é o que domina a América Latina, os pragmáticos

---

<sup>1</sup> **Farc**: As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia foi criada em 1964 como uma guerrilha-revolucionária do Partido Comunista Colombiano. As Farc são a mais antiga e uma das mais capacitadas e melhor equipadas forças insurgentes do continente sul-americano. Foi durante a Conferência da Sétima Guerrilha, realizada em 1982 que a denominação *Ejército del Pueblo* ou Exército do Povo (EP) foi adicionada ao nome oficial do grupo. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> **PSTU**: Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado) é a seção no Brasil da LIT-QI (Liga Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional). É considerado pela mídia como um partido de extrema esquerda e se identifica com o trotskismo. Suas cores são o vermelho e o amarelo e o seu código eleitoral é 16. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>3</sup> **Oaxaca**: Um dos 31 estados do México. Desde Maio do ano passado (2006), o povo do Estado de Oaxaca, México, vive dias de insurreição e organização popular por melhores condições sociais. Movimento amplamente acompanhado pelas Notícias Diárias do sítio do IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

neoliberais, como Néstor Kirchner (Argentina), Tabaré Vázquez (Uruguai) e Lula.

O último grupo que temos são os neoliberais ortodoxos, como Michelle Bachelet, no Chile, Alan Garcia, no Peru, e Felipe Calderón, no México.

Essas são as quatro forças em jogo na América Latina atual. Os presidentes ortodoxos neoliberais da América Latina, que estão sendo muito questionados, são Alan Garcia e Felipe Calderón, por estarem em posição muito precária.

É uma situação que pode mudar porque há muito terreno para conflitos. Grupos como o MST, do Brasil, estão em grande crise, pois o apoio que prestaram a Lula, durante cinco anos, tem tido um efeito bumerangue: Lula como um grande amigo de Bush significa a integração do Brasil com a política norte-americana.

### ***IHU On-Line - Como o senhor percebe a integração energética da América Latina?***

**James Petras** - A integração energética é um projeto do presidente Chávez. Chávez tem tomado todas as iniciativas e investido milhões de dólares neste projeto. Mas existem dois problemas: primeiro, a Petrobrás, que é formalmente estatal, mas suas ações na Bolsa de Nova Iorque estão em maioria nas mãos do capital estrangeiro. Então, a Petrobras está transformada em uma empresa privada, que tem aspirações imperialistas. Na Argentina, temos a Repsol, uma companhia espanhola, que domina o petróleo. Então, uma integração com capitais estrangeiros é uma contradição. Como se pode compatibilizar com as políticas de capitais estrangeiros em um projeto nacionalista como o de Chávez? A integração, como um fator de complementaridade, não está na agenda da América Latina. Mas podemos falar sobre um tipo de integração, que são os planos de

Chávez, de supervisionar as construções de refinarias no Caribe, na América Central, dentro de um projeto de empresas e refinarias públicas. A América Latina e, particularmente, o Brasil, com a privatização de todos os setores energéticos, estão dentro da visão pró-imperialista de Lula, que não creio ter muita profundidade. Temos que esperar uma nova política no Brasil e na Argentina que tenha uma visão nacional e latino-americanista para realizar uma verdadeira integração energética. Chávez sozinho não pode fazê-la.

#### **A economia brasileira**

A economia brasileira está cada dia mais privatizadora. Os incentivos dados por Lula, que, agora, vão fortalecer a extensão da produção de etanol são um enorme estímulo a todas as grandes agromultinacionais e agrooligarquias. Isso me parece que vai afetar grande parte das terras indígenas e os pequenos produtores: fomentar a produção de etanol e baixar a produção de alimentos para o Brasil. Isso significa aumentar a desigualdade e fortalecer o País como um grande número de agroexportadores de etanol. Sempre lembrando que isso tudo é feito em associação com o país mais imperialista do mundo. Os norte-americanos não fazem nenhuma concessão ao Lula, apesar de este abraçar o Bush, um assassino condenado por todo mundo. Então, se o Brasil vai exportar em posição menos competitiva não vai beneficiar o povo em geral. Creio que a integração está voltada, sobretudo, aos mercados norte-americanos.

#### **Mas qual é o Brasil?**

Quando falamos de projetos de energia no Brasil, devemos identificar de qual Brasil estamos falando. Os grandes agroprodutores de etanol e os grandes acionistas da Petrobras estão orientados por uma política americana e não têm relação de associar-se com as empresas estatais da América Latina.

A economia brasileira está dominada pelo capital estrangeiro. Os grandes setores financeiros são os mais beneficiados. As privatizações ocorridas no Brasil caracterizam o país como profundamente neoliberal.

#### ***IHU On-Line* - Como o senhor percebe as grandes manifestações dos imigrantes nos Estados Unidos?**

**James Petras** - É uma grande força que segue ganhando mais força, inclusive com muitos apoiadores na Guatemala, México e América Central. Estas manifestações surgem porque, em primeira instância, os Estados Unidos queriam expulsar 11 milhões de imigrantes. Graças às grandes mobilizações, esta medida extremista agora foi reconsiderada, mas poderia voltar a surgir por causa desta política repressiva, quase fascista, de imigração dos Estados Unidos. A tendência dos democratas e republicanos é dividir os imigrantes entre os que estão no país há mais de cinco anos e os que estão há menos tempo. Esta divisão debilita o movimento. Os imigrantes são forçados a sair de seu país por causa da exploração dos países imperialistas pela mão-de-obra barata e agora são perseguidos pelos setores mais direitistas do império. Não há justiça para os imigrantes expulsos de sua casa!

# Um neonacionalismo popular na América Latina

ENTREVISTA COM CLAUDIA WASSERMAN

*Para a historiadora Cláudia Wasserman, docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), “os governos de esquerda latino-americanos atuais chegaram ao poder impulsionados, em grande medida, pelos movimentos sociais camponeses e de trabalhadores urbanos”. E complementa: “Os intelectuais latino-americanos não têm conseguido dar respostas aos problemas atuais e nem interpretar o que vem ocorrendo”. As declarações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line.*

*Wasserman é graduada em História pela UFRGS, com especialização em História pela mesma instituição. É mestre em História pela UFRGS com a dissertação “A Revolução Mexicana” (1910-1940): um caso de hegemonia burguesa na América Latina. Doutorou-se em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com a tese “A questão nacional na América Latina no começo do século XX: Brasil, Argentina e México”. Escreveu as obras História Contemporânea da América Latina (1900-1930). Porto Alegre: EDUFRGS, 1992; História da América Latina: do descobrimento a 1900. Porto Alegre: EDUFRGS, 1996; Palavra de Presidente. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002; e Ditaduras Militares na América Latina. Porto Alegre: EDUFRGS, 2004.*

**IHU On-Line - Qual é a sua opinião sobre a relação entre os movimentos sociais e alguns governos sul-americanos que chegaram ao poder, em boa medida, pelo impulso que as lutas e protestos deram à cena política em seus países?**

**Claudia Wasserman -** Acho justamente que os governos de esquerda latino-americanos atuais chegaram ao poder impulsionados, em grande medida, pelos movimentos sociais camponeses e de trabalhadores urbanos, mas também puderam reorganizar tanto partidos quanto movimentos autônomos, depois de passado o período das ditaduras militares, o qual havia deixado um desastroso saldo no campo das esquerdas. Ao chegar ao poder, no entanto, os políticos de esquerda, comprometidos com os seus partidos e com outros das alianças que lhes levaram ao poder, não podem e não devem tornar-se reféns dos

movimentos sociais. Esses últimos continuam reivindicando e a negociação entre eles e o governo vai nos informar o rumo dessas esquerdas no poder na América Latina.

**IHU On-Line - Como a senhora caracteriza os movimentos sociais na América Latina? Para onde caminham e quais as suas principais reivindicações?**

**Claudia Wasserman -** Os movimentos sociais latino-americanos atuais, desde meados dos anos 1990, conseguiram unir as reivindicações indígenas milenares, tradicionais, hoje identificadas como camponesas, com as tradições dos movimentos inspirados na revolução socialista. A ausência dos partidos comunistas deixou órfãos os movimentos sociais latino-americanos, que, por

outro lado, tiveram que se organizar a partir de suas próprias especificidades. Nessa medida é que hoje o problema da terra, da preservação de cultivos tradicionais, da preservação ambiental e do respeito às diferenças estão muito mais em evidência do que as demandas trabalhistas propriamente ditas.

***IHU On-Line - Quais são os eixos do debate intelectual na América Latina atual?***

**Claudia Wasserman** - Alguém disse sabiamente que a América Latina tem andado com os pés, sem a cabeça. O que significa dizer que os intelectuais latino-americanos não têm conseguido dar respostas aos problemas atuais e nem interpretar o que vem ocorrendo, porque as mudanças são muito evidentes. Eu, particularmente, acho que os intelectuais têm tido pouco espaço na mídia. A instantaneidade da informação faz com que os meios de comunicação deleguem aos jornalistas a tarefa de analisar o presente, o que o torna superficial. Mas, felizmente, há muitos intelectuais pensando o momento atual, e suas principais discussões são justamente a

respeito da ascensão dos movimentos de esquerda, os efeitos do neoliberalismo nas economias latino-americanas, o problema da integração e a questão do desenvolvimento, que parece continuar como o principal eixo articulador de todas as preocupações contemporâneas.

***IHU On-Line - Como a globalização interfere nas ações dos movimentos sociais atuais latino-americanos?***

**Claudia Wasserman** - Acho que a globalização não é uma via de mão única. O processo que supõe a mundialização do capitalismo e a padronização dos mercados consumidores, e que pretende apoderar-se da informação mundial, também favorece as comunicações entre os diferentes movimentos anti-sistêmicos mundiais, permitindo que conheçam suas especificidades, suas demandas comuns e que possam unificar algumas lutas e também defender a alteridade cultural existente no planeta.

## **Nação Sul-americana vive hoje uma conjuntura excepcional**

ENTREVISTA COM HORACIO VERBITSKY

*O jornalista argentino Horacio Verbitsky conversou por e-mail com a IHU On-Line. Verbitsky falou do papel da Venezuela na integração energética latino-americana, da cobertura dos jornais argentinos sobre essa integração e, no final, soltou a seguinte pérola com relação aos laços brasileiros e argentinos: “Não sei o que estamos esperando para formar uma única seleção de futebol”.*

*Verbitsky, colunista político do jornal argentino Página 12, é autor de livros importantes para o conhecimento da história recente do país vizinho, como O vôo. Porto Alegre: Globo, 1995 sobre os desaparecidos políticos durante a ditadura, e o recém-lançado El Silencio. Ed. Sudamericana, 2005, que investiga a cumplicidade da Igreja Católica argentina com a ditadura.*

***IHU On-Line* - Como o senhor percebe a integração energética da América do Sul?**

**Horacio Verbitsky** - Este é um setor no qual a concepção venezuelana de intercâmbio pode ter um papel decisivo, como se verifica na relação com a Argentina, que adquire combustível e vende alimentos e produtos manufaturados. Ao mesmo tempo, a divisão do megaduto do sul em trechos menores o torna mais viável.

***IHU On-Line* - O senhor pensa que Lula pode ser o líder da América Latina? Caso contrário, quem poderia ocupar este papel?**

**Horacio Verbitsky** - Não creio que tenha sentido colocar a questão em termos de lideranças pessoais. Sem dúvida, as dimensões geográficas e econômicas do Brasil lhe asseguram um lugar preponderante, sempre que sua condução mantenha a prioridade assinalada pelo atual governo no espaço sul-americano, sem que isso implique desdenhar as relações com outras regiões do mundo, tanto políticas como econômicas. O comportamento de Lula tem sido impecável em relação à Bolívia, quando Evo Morales intensificou suas medidas nacionalizadoras e enviou tropas militares a ocuparem as instalações das empresas, entre elas a Petrobras. Nesse momento, Lula resistiu às pressões patrioteiras da direita brasileira e atuou com a serenidade de um irmão mais velho.

***IHU On-Line* - Como o senhor percebe o futuro para a América Latina?**

**Horacio Verbitsky** - A incipiente Nação Sul-americana vive hoje uma conjuntura excepcional, que não se produziu por acaso, senão como conseqüência do fracasso do modelo neoliberal aplicado nas décadas anteriores, o qual aprofundou a desigualdade e lançou centenas de milhões de pessoas no desespero, ao mesmo tempo em que deslegitimou o sistema democrático realmente existente. Por certo, isto se dá de modo distinto em cada país, porém Lula, Kirchner, Chávez, Bachelet, Correa, Evo e Tabaré são filhos da mesma

crise sistêmica e da mesma fatura popular, o que permite uma dose razoável de otimismo.

A proposta estadunidense da Alca tende a cristalizar um modelo de desenvolvimento assimétrico e, por isso, foi rechaçada pelas nações do MERCOSUL. O Brasil é o principal, mas não o único defensor de um modelo de integração mais parecido ao que seguiram os países da Europa desde meados do século passado e que culminou na criação da moeda comum, o euro. Isso implica trabalhosas negociações, produto por produto, de modo que os benefícios cheguem a todos os integrantes da associação, e não só aos mais poderosos. O Fundo de Estabilização Regional, o mecanismo de salvaguardas e compensações para os países com atrasos relativos, são alguns dos mecanismos existentes nesse caminho. A proposta venezuelana, em troca, tem alguns ares de familiaridade com o antigo sistema do Comecon, do intercâmbio compensado de bens, com negociações pontuais. A Argentina move-se, assim, num processo semelhante ao do Brasil e da Venezuela, dado que não existem contradições insolúveis, e sim questões de acento e ritmo. A única incompatibilidade nítida é com a Alca, a qual, inclusive, os Estados Unidos começaram a substituir por acordos bilaterais com determinados países. É preciso estar muito atento à situação do Uruguai, o elo débil da cadeia sul-americana, sobre o qual se concentra a pressão dos interessados extra-regionais em quebrar o MERCOSUL e a incipiente Nação Sul-americana.

***IHU On-Line* - De que modo o senhor percebe as relações entre o Brasil e a Argentina hoje?**

**Horacio Verbitsky** - Elas são o principal fundamento deste otimismo. Os receios e as hipóteses de conflito cederam lugar à complementação e à cooperação. Isto é muito evidente hoje, dada a afinidade entre Lula e Kirchner, mas é importante destacar que começou antes e que prosseguirá depois deles, porque é um processo profundo que envolve ambas as sociedades. Não sei o que estamos esperando para formar uma única seleção de futebol.

## Filme da Semana

TODOS OS FILMES COMENTADOS NESTA EDITORIA JÁ FORAM VISTOS POR ALGUM (A) COLEGA DO IHU.

### Maria Antonieta

#### FICHA TÉCNICA:

Nome original: Marie Antoinette

Cor filmagem: Colorida

Origem: EUA-Fr-Jap

Ano produção: 2006

Gênero: Drama

Duração: 124 min

Classificação: livre

Direção: Sofia Coppola

**Sinopse:** Maria Antonieta não passa de uma adolescente austríaca quando é levada para a França, onde se casará com o príncipe Luis XVI, selando a aliança entre as duas nações. Porém, negligenciada pelo marido, a nobre se torna uma pessoa infeliz, e busca alegria em prazeres mais fugazes, como roupas e comidas. No entanto, aproxima-se a Revolução Francesa.

## A enigmática rainha austríaca que ridicularizou a corte de Versailles

*O comentário a seguir é de Luiz Carlos Merten, e foi publicado no jornal O Estado de S. Paulo em 16-03-2007.*

Já virou maldição - os filmes que Cahiers du Cinéma escolhe para colocar na capa de sua edição especial sobre Cannes não têm feito muito boa figura na Croisette. Em 2005, foi *The Last Days*, de Gus Van Sant. No ano passado, *Marie Antoinette*, de Sofia Coppola. A filha de Francis Ford Coppola chegou a Cannes com pinta de campeã, mas, no fim, foi-se embora sem nem mesmo um prêmio de consolação para sua Maria Antonieta. O filme é bom. E é até mais político do que a própria Sofia

talvez quisesse que fosse.

Em Cannes, na coletiva após a exibição do filme para a imprensa, a diretora divertiu-se com as analogias feitas pelos críticos. Ela teria se projetado na personagem da rainha da França por ser, ela própria, membro da realeza de Hollywood. Seu novo filme, como o anterior (*Encontros e Desencontros*), também conta a história de uma mulher - jovem - lost in translation. Scarlett

Johanssen manifestava o estranhamento da americana perdida não apenas no fuso horário de Tóquio, mas na complexidade da cultura japonesa, tão diferente da dela (e do astro que grava um comercial sobre uísque, interpretado por Bill Murray). Marie Antoinette, a austríaca, é uma estranha na corte de Versalhes.

Sofia disse que, antes de fazer o filme, Marie Antoinette representava, para ela, a imagem da decadência. Quando leu o livro de Antonia Fraser<sup>6</sup>, ela percebeu que a personagem era muito mais complexa e fascinante. Estimulada, pesquisou para ver se conseguia captar o verdadeiro sentido da experiência humana da rainha. Foi o que tentou expressar na tela. 'É uma personagem muito interessante, com múltiplas facetas. Quis me concentrar no foco mais pessoal dessa figura histórica cujo enigma até hoje nos persegue. E queria que o filme transmitisse uma energia adolescente, porque a rainha, o rei são pouco mais que crianças.' Marie Antoinette tinha 14 anos quando chegou à corte, para se casar com o futuro rei Luís XVI. Como uma garota, mesmo uma princesa, criada numa corte menos protocolar, ele acha ridícula toda aquela encenação, o que provoca uma ríspida observação da árbitra da elegância, interpretada por Judy Davis - 'Ça, Madame,

---

<sup>6</sup> Lady Antonia Fraser nasceu em 1932 no seio da aristocracia britânica, filha do conde e da condessa de Longford, ambos escritores eminentes, apoiantes dos trabalhistas e convertidos ao catolicismo. Desde 1969, Antonia Fraser tem escrito importantes obras de caráter histórico que se tornaram best-sellers internacionais e foram reconhecidas com importantes prêmios, como a biografia de Maria Stuart (Mary Queen of Scots, galardoada com o James Tait Black Memorial Prize); The Six Wives of Henry VIII; Maria Antonieta - A Viagem (Marie Antoinette, The Journey), que recebeu o Franco-British Society Prize e foi adaptado ao cinema por Sofia Coppola, e o mais recente Love and Louis XIV, The Women in the Life of the Sun King). Foi presidente do PEN Club britânico e da Sociedade de Autores. Foi agraciada com uma ordem honorífica em 1999 (Commander of the British Empire). É casada com o dramaturgo Harold Pinter, Prêmio Nobel da Literatura. (Nota da *IHU On-Line*)

c'est Versailles.' Sofia admite que o que a atraiu foi a possibilidade de mostrar que a rainha foi uma mulher moderna, avant la lettre. A seu lado, na mesa, Kirsten Dunst, trabalhando com a diretora pela segunda vez, após As Virgens Suicidas, acrescentou - 'Achei interessante fazer o papel porque Sofia deixou claro que não queria que eu simplesmente criasse uma personagem histórica. Ela me deu liberdade para ser quem sou. Para mim, foi uma experiência visceral, sensual. Em vez de me debruçar sobre o passado, busquei coisas pessoais, minhas, que pudessem servir para a compreensão de Marie Antoinette.'

Revelar a dimensão humana de uma figura tão controversa implicou em certos riscos. Marie Antoinette é mimada, é fútil, mas surpreende duplamente o espectador que vai ver o filme baseado nos preconceitos que os livros de história (e o próprio cinema) veiculam sobre ela. A Marie Antoinette de Sofia Coppola acha ridícula a frase que lhe atribuem - 'Se o povo não tem pão, que coma brioche' - e se revela uma mãe dedicada. Curva-se diante do povo, numa cena que precede a derrocada, com a morte do delfim, simbolicamente a morte de todo aquele estilo de vida. Nada disso a absolve, mas contextualiza a história de uma mulher que, como as heroínas anteriores da diretora, não tem controle sobre sua vida. A alienação dá o tom, bem de acordo com aquela gente que considerava seu poder divino. Uma cena curiosa mostra a discussão do conselho, na qual o rei concorda em fornecer ajuda aos revolucionários americanos, enquanto o povo francês está morrendo de fome nas ruas de Paris.

Nada é simples em Marie Antoinette. Sofia, acostumada às críticas - foi demolida, como atriz, em O Poderoso Chefão 3 -, deixou claro, em Cannes, que seu filme não nasceu com o propósito de se transformar num documento histórico (embora não deixe de sê-lo). Sofia,

conscientemente, procurou as ressonâncias contemporâneas dessa história. O que essa mulher tão polêmica ainda tem a nos dizer, mais de 200 anos depois de sua execução? Seria interessante o que a diretora teria a dizer sobre A Rainha, de Stephen Frears, mas o filme que deu a Helen Mirren o Oscar de melhor atriz surgiu bem depois. São diversos, mas expõem a face humana (e os erros históricos) da nobreza, mesmo que Elizabeth II, com sua intransigência, não tenha nada a ver com essa adolescente despreparada para a inutilidade de sua representação do poder.

A música, desde logo, foi uma preocupação da diretora, que já havia integrado o pop à trilha de Encontros e Desencontros. Sofia recorre agora a The Strokes, New Order, the Cure e Bow Wow Wow. 'Desde o início achei que devia misturar música contemporânea à música do século 18. Acho que essa mistura provoca uma qualidade

emocional que me interessava criar, uma espécie de tensão que permanece ao longo de todo o filme. Quando Marie Antoinette chega ao baile de máscaras, a música expressa todas as emoções que a consomem. Acho que a música me permite dar uma real modernidade à história.' A preocupação com o figurino também foi muito grande e Marie Antoinette terminou dando a Milena Canonero, veterana colaboradora de papai Francis Ford, o Oscar da categoria. Milena também participou da coletiva em Cannes. 'Segui as indicações de Sofia. Ela tinha muito claro o que não queria. Sofia não queria um quadro vivo (tableau vivant) da época. Queria alguma coisa de contemporâneo, um frescor. Fugimos à representação tradicional de Marie Antoinette. Meu trabalho consistiu em buscar um equilíbrio, nos figurinos, entre a reconstituição histórica e o que melhor servia à visão de Sofia como diretora.'

## Entrevista da semana

### Um debate sobre o socialismo de ontem e hoje

ENTREVISTA COM ALOISIO TEIXEIRA

*Na última quarta-feira, dia 21-03-2007, o Instituto Humanitas Unisinos, dentro do III Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia e do Ciclo de Estudos Fundamentos Antropológicos da Economia recebeu o reitor da UFRJ, Aloísio Teixeira. Durante sua palestra, Teixeira abordou os socialistas anteriores a Karl Marx: Saint-Simon, Fourier e Owen. A IHU On-Line entrevistou-o pessoalmente.*

*Teixeira, além de reitor da UFRJ, é doutor em ciências políticas pela Unicamp. É autor de O ajuste impossível - Um estudo sobre a Desestruturação da ordem economia mundial e seu impactos sobre o Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994 e organizador de Utópicos, heréticos e malditos: os precursores do pensamento social de nossa época. Rio de Janeiro: Record, 2002. Em 15-03-2006 proferiu a conferência Pierre Joseph Proudhon (1809-1865) e o Socialismo Utópico dentro da programação do II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. A próxima sessão do III Ciclo Repensando os Clássicos, em 25-04-2007, abordará As origens políticas da economia neoclássica: William Stanley Jevons, Carl Menger e Leon Walras, com o palestrante Prof. Dr. Sabino da Silva Pôrto Júnior, da UFRGS. O Ciclo Fundamentos Antropológicos analisará em sua próxima sessão, em 11-04-2007, sob o provocativo título Vícios privados, benefícios públicos?, a obra de Bernard de Mandeville (1670-1733), apresentada pelo Prof. Dr. Rogério Arthmar (UFES).*

**IHU On-Line** - Para Owen, a iniciativa privada tem um papel fundamental no processo de melhoria das condições de vida das pessoas. Qual a sua avaliação em relação às empresas privadas? Elas colaboram, atualmente, de maneira positiva para a sociedade no que diz respeito a melhorar a condição de vida da população? Se colaboram, de que maneira fazem isso?

**Aloísio Teixeira** - Veja bem, o Owen era um empresário. Então, não é de se estranhar que ele valorize o papel das empresas privadas, porque ele era um empresário privado e achava que o caminho para se

melhorar as condições sociais não passava tanto pela questão da política, de usar o poder do Estado. Embora ele tenha sido autor de vários projetos de lei, ele não achava que isso fosse fundamental. O fundamental era o exemplo que uma experiência como essa podia ter sob o conjunto da classe capitalista e o papel da educação.

Hoje em dia, na maior parte dos países do mundo, o que predomina é a empresa privada. Embora exista essa coisa de responsabilidade social corporativa, esse discurso da responsabilidade social corporativa, a gente observa que talvez na maioria dos casos ainda há um

desprezo das empresas privadas pelas condições de trabalho, pelas condições de vida, pelos efeitos ambientais da sua ação. Quer dizer, a motivação do lucro, independente de todos os determinantes sociais e ambientais, já é predominante. Eu diria que se avançou pouco no sentido das idéias do Owen e acho que, como norma, as empresas privadas não colaboram. Quando colaboram é por exceção ou por interesse, claro. Há alguns casos de empresas na área de celulose no Espírito Santo e no sul da Bahia que fazem programas de reflorestamentos fantásticos, que constroem escolas etc., um pouco owenista. Mas quando você olha isso, você vê que há um interesse direto, inclusive pra criar condições políticas e sociais para que elas continuem operando como uma indústria que é altamente destruidora das condições ambientais. Então, eu digo assim: ou por interesse, ou por utopia, ou por qualquer outra razão, isso ainda quando ocorre é por exceção.

***IHU On-Line - Na sua opinião, com a criação do PED (Plano de Desenvolvimento da Educação), que segundo o presidente Lula e o Ministro da Educação Fernando Haddad tem medidas que abrangem desde a alfabetização de jovens e adultos até a educação superior, mas com ênfase na educação básica, que inclui os ensinamentos fundamental e médio, poderá diminuir a desigualdade no âmbito educacional, trazendo melhorias na área de educação do país ou a proposta do governo ainda é insuficiente?***

**Aloísio Teixeira** - Nessa questão, nós temos dois problemas. O primeiro problema é relativo ao papel da educação. Eu acho que, do ponto de vista individual, a educação é um fantástico instrumento de superação, de condições sociais adversas, de progresso social. Do ponto de vista social, isso é mais duvidoso. Quer dizer, não adianta todo mundo ser formado pela universidade se não há oportunidade de emprego que exige uma qualificação de nível superior. Então, o direito à

educação é um direito da cidadania. Qualquer cidadão deve ter direito a se alfabetizar, a ter acesso à escola fundamental, à escola de nível médio e à universidade. Esse direito é importante para que cada indivíduo consiga ter melhores condições de vida em sociedade. Agora, paralelamente a isso, pra que esse esforço todo não seja desperdício, digamos assim, o governo precisa ter políticas econômicas de desenvolvimento que promovam, que criem condições e oportunidades pra que as pessoas possam se empregar em outros patamares. Não adianta a gente imaginar que vai ter um sistema educacional maravilhoso numa sociedade cuja economia reproduz a desigualdade e a miséria continuamente. Então, as duas coisas têm que ser pensadas. Claro que Owen superestimava o papel transformador da educação porque ele achava que se o homem é produto das condições em que ele vive a educação pode interferir no sentido de modificar essas condições, por isso ele é considerado um utópico. Mas a sociedade não é apenas uma soma de indivíduos: ela tem um caráter sistêmico que organiza a própria vida dos indivíduos. Então, eu acho que é preciso pensar em se caminhar nas duas direções: ter programas educacionais fortes, ter programas que levem a uma melhoria contínua do sistema educacional, ter programas de desenvolvimento e de crescimento econômico que mudem a natureza estrutural das relações de trabalho e produção no país.

#### **PAC**

Olhando para o que esse governo faz, eu tenho um sentimento de que no campo das políticas econômicas, das grandes políticas sociais, avançou-se muito pouco. Mesmo esse PAC ainda não tem, a meu ver, consistência suficiente pra que possamos imaginar que se vai caminhar numa direção diferente da do ano passado. No campo da educação, houve alguns avanços, talvez ainda insuficientes, mas houve. Há uma preocupação maior com a questão educacional em todos os níveis.

Entretanto, na universidade, ambiente no qual eu convivo mais de perto, sem dúvida nenhuma, há uma clara descontinuidade do que fez o governo passado e do que faz esse governo. Agora, repito: não basta melhorar o sistema educacional. Simultaneamente, é preciso pensar em reformas econômicas efetivas.

***IHU On-Line* - O que Owen acharia dessa proposta do governo em relação à educação?**

**Aloísio Teixeira** - Eu diria que certamente ele não ficaria satisfeito. Talvez ficasse satisfeito ou considerasse uma coisa positiva um esforço de universalizar o sistema educacional. Mas ele não pensava apenas na educação como uma reprodução da escola tal como ela existia. Owen defendia uma pedagogia diferenciada, e talvez essa pedagogia diferenciada fosse uma das coisas mais modernas imaginadas por ele, que ainda dizia que a educação não é apenas pra ensinar o cidadão a ler ou a somar. A educação no mundo moderno (no mundo moderno dele, início do século XIX) precisa ensinar o indivíduo a pensar, a criar. Mais vale ele aprender a pensar do que a ler. É claro que isso é um exagero formulado desse jeito, mas isso possui uma modernidade incrível quando a gente olha o mundo de hoje, onde muitas vezes a educação é um processo massificado de transmissão do conhecimento, de transmissão de instrumentos que te permitam operar através da leitura, da aritmética. Então, essa coisa de você ter uma pedagogia que estimule o indivíduo a pensar e a criar é muito importante. Então talvez nesse sentido o Owen não ficasse satisfeito.

***IHU On-Line* - O PED vai proporcionar uma reforma pedagógica na educação?**

**Aloísio Teixeira** - Não, isso eu ainda não vi. Se acontecesse, seria maravilhoso. Se a gente, com o aumento da escolaridade em todos os níveis e uma busca de qualidade no sentido estrito da palavra de formação

de professores melhores, tiver em mente uma reforma pedagógica, poderemos estar avançando realmente numa direção importante. Não é que eu diga que não vá haver, mas essa discussão ainda não amadureceu suficientemente.

***IHU On-Line* - Então não será no governo Lula que a questão da educação vai melhorar?**

**Aloísio Teixeira** - Acho que o governo Lula em 2002 desencadeou uma expectativa muito forte em todos aqueles que imaginavam que o Brasil pudesse ter uma trajetória diferente. E acho que essas expectativas se frustraram por ele chegar ao governo num momento em que eram postas em dúvidas as políticas que vinham sendo seguidas e implementadas até então. Certamente o eleitorado que elegeu o Lula em 2002 queria uma mudança, se não não o teria escolhido. Então, essa expectativa se frustrou.

A segunda eleição do Lula certamente revela tendências importantes da política brasileira. No entanto, ela já não teve uma carga de expectativa de mudança como teve a primeira. Pode até ter um sentimento de que mesmo não tendo feito o que a gente queria, isso aí é melhor do que tínhamos antes. Certamente, eu digo assim, as experiências desses primeiros meses do segundo governo mostram que os mecanismos tradicionais da política acabaram se consolidando no governo Lula. Quer dizer, a forma como se conduz a política de alianças, a forma com que questões importantes da vida social brasileira são tratadas. Eu insisto que, mesmo levando em conta tudo isso, houve uma descontinuidade na educação que me faz ser um pouco otimista na questão da educação, mas sempre com a ressalva de que a educação não é uma solução mágica para os problemas do país. Então, eu não estranharia se nós nos envolvêssemos num debate sério sobre essas questões pedagógicas. Eu não estranharia, pensando mais restritamente na educação superior, se

nós nos envolvêssemos numa discussão verdadeira sobre o que deve ser a universidade brasileira, porque certamente ela não corresponde aos anseios da nossa sociedade. Então, eu não sou inteiramente pessimista no que diz respeito à educação. Pode ser até um viés distorcido pela proximidade, mas, de qualquer forma, é o meu sentimento nesse momento.

**IHU On-Line - A oposição está em crise no Brasil ou não está criticando o governo porque tem interesses, já que a maioria dos partidos estão se aliando ao PT?**

**Aloísio Teixeira** - A vida política partidária sempre implicará em interesses, mas o que une essa coisa toda são os discursos de amplitude maior e, na verdade, a oposição está sem discurso. Quer dizer, enfrentou um

processo eleitoral já com um discurso meio confuso e no pós-eleição, com essa movimentação de constituição de uma base de governo tão ampla como o governo tem perseguido, a oposição está sem o que dizer. Não seria de se estranhar se houvesse um movimento de reposicionamento em termos de partidos políticos, porque as diferenças entre parte do PT, parte do PSDB e parte do PMDB são mínimas. Eu imagino que ainda haja setores mais conservadores, mais da esquerda, que precisam encontrar caminhos e formas de inserção partidárias diferenciadas. Então, eu acho que é verdade: há uma crise no sentido do esvaziamento de um discurso oposicionista, mas acho que isso pode ser um prenúncio de que alguma coisa precisa acontecer a fim de que as opiniões possam aparecer de uma forma mais clara.

## Teologia Pública

SOBRE A CENSURA DO VATICANO AO TEÓLOGO JON SOBRINO

*Continua repercutindo intensamente a censura à obra de Jon Sobrino. As Notícias do Dia da página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) tem noticiado o fato amplamente. Confirmam em especial as entrevistas com o Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, Il Fórum Mundial de Teologia e Libertação, publicada em 09-02-2007, bem como o depoimento de Érico Hammes e Susin em 15-03-2007, e o artigo do Prof. Dr. Faustino Teixeira, Uma cristologia que incomoda: a notificação das obras de Jon Sobrino, de 15-03-2007.*

*A seguir, confira o artigo da teóloga Ana Formoso, graduada e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com a dissertação A teologia da ressurreição em Jon Sobrino. O texto foi escrito com exclusividade para a IHU On-Line. Formoso é consagrada da Comunidade Missionária de Cristo Ressuscitado, e trabalha no Instituto Humanitas Unisinos (IHU), no Programa de Teologia Pública. É professora nos cursos de Teologia Popular na Escola Superior de Teologia Franciscana (ESTEF). Na edição 172 da IHU On-Line, de 20-03-2006, concedeu a entrevista O Jesus humano de Scorcese, adiantando aspectos sobre o filme A última tentação de Cristo, que comentou dentro das atividades da Páscoa 2006, Jesus no Cinema.*

# A Hermenêutica da Ressurreição em Jon Sobrino

## 1) Contextualização de sua teologia

A teologia da ressurreição é certamente um tema complexo e tem sido objeto de muitas controvérsias, relativas não à ressurreição em si mesma, mas à forma de compreendê-la ou torná-la mais acessível e à maneira pela qual a história humana é por ela afetada e modificada<sup>7</sup>. Isso é agudizado pelo problema do que se entende, de fato, por história.

Até o Concílio Vaticano II pouco ou nada tratava a Teologia católica da ressurreição de Jesus. Ela não era objeto de especial consideração nem em Cristologia nem em Soteriologia, mas a relegava para a apologética. Perante o novo contexto, teólogos católicos e luteranos vêm se esforçando por tornar a fé na ressurreição mais acessível, de modo a responder aos desafios culturais contemporâneos.

É dentro deste contexto que situamos Jon Sobrino, teólogo da Libertação, que se deixou marcar profundamente pelos questionamentos da época, buscando sempre novas mediações na filosofia, na teologia católica e luterana e na sociologia, como importantes instrumentos de leitura da realidade.

Jon Sobrino é, provavelmente, o cristólogo mais marcante da América Latina. Sua cristologia tem-se desenvolvido ao longo de mais de vinte e cinco anos de publicações, caracterizando-se pelo contexto histórico particular. O compromisso com os pobres e injustiçados reflete sua inquietação permanente pela explicitação de uma teologia de libertação.

Ao descrever sua trajetória teológica, Jon Sobrino afirma que, durante sua juventude e nos primeiros anos de vida como sacerdote jesuíta, a vivência da fé e da vocação, pelas dificuldades que apresentavam,

<sup>7</sup> LEON- DUFOUR, X. *Resurrección de Jesús y mensaje pascual*. Salamanca: Sígueme, 1973, p. 27-31 e 41-65.

desafiavam muito mais a vontade que a inteligência, isto é, não o levaram a refletir. Entretanto, neste período, chamado por ele de etapa prévia de sua vida, foram lançadas as raízes e as sementes, e estavam implícitas muitas perguntas e o modo de pensar que desabrochariam mais tarde. A essa etapa prévia, sucederam-se dois momentos significativos que ele compara a um duplo despertar: do sono dogmático e do sono da cruel inumanidade. O despertar do sono dogmático foi uma sacudida forte e dolorosa, provocada pela primeira Ilustração, que derrubou muitos conceitos referentes à fé e exigiu a reformulação de outros. Acontece que, durante o curso de Filosofia e Teologia, estudou os filósofos modernos e, especialmente, os grandes mestres da suspeita - Kant<sup>8</sup>, Marx<sup>9</sup>, Sartre<sup>10</sup>,

<sup>8</sup> Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os Cadernos IHU em formação estão disponíveis para *download* na página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>9</sup> Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida

Unamuno<sup>11</sup> - bem como a exegese crítica e a demitologização de Bultmann, a modernidade e a desabsolutização da Igreja.

Em relação à teologia, o específico deste despertar, como ele mesmo afirma, foi a descoberta do tríplice mistério: de Deus - mistério por excelência - santo, totalmente próximo e não manipulável; do ser humano e da realidade. Essa importante descoberta gerou em Jon Sobrino a convicção de que o mistério possui, ao mesmo tempo, excesso de obscuridade e excesso de luminosidade. Aos poucos, ele aprendeu a vê-lo desde o excesso de luminosidade. Seu grande mestre deste período foi, particularmente, Karl Rahner<sup>12</sup>: “A teologia

---

pela Prof.ª Dr.ª Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O Caderno IHU Idéias, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>10</sup> Jean-Paul Sartre (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O Ser e o Nada* (1943). Sartre define o existencialismo, em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>11</sup> Miguel de Unamuno y Jugo (1864-1936): escritor, poeta e filósofo espanhol. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>12</sup> Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principias são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia), 16 volumes escritos entre 1954 e 1984, e *Grundkurs des Glaubens* (Curso Fundamental da Fé), 1976. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A *IHU On-Line* n.º 90, de 1º-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner; e a n.º 94, de 2-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner. No dia

de Rahner - para dar um exemplo do maior e mais benéfico impacto que tive - acompanhou-me durante aqueles anos, e suas páginas sobre o mistério de Deus continuam me acompanhando até o dia de hoje”<sup>13</sup>. Explicitamente, o A. nada escreveu sobre o mistério, mas essa descoberta teve conseqüências decisivas para sua trajetória teológica, constituindo uma espécie de substrato teológico. Para ele, todo conhecimento teológico participa do mistério, e a razão mais profunda do seu interesse pela Cristologia reside na certeza de que Jesus de Nazaré remete-nos ao mistério de Deus e do ser humano: na relação desses dois mistérios aparece o mistério total. E, mais tarde, ao escrever sobre o pobre, teve em conta - além de sua dimensão histórica, social e política - acima de tudo, o pobre como produto do pecado e da opressão humana<sup>14</sup>.

Foi forjando sua linha de pensar e seu fazer teológico no confronto com a injustiça e a opressão de El Salvador, numa Igreja latino-americana que, pouco a pouco, se abria à causa privilegiada do Evangelho de Jesus Cristo: os pobres. Neste contexto, aconteceu o despertar do sono da cruel inumanidade. Foi uma sacudida, ao mesmo tempo, forte e alegre, levando-o a perceber que o Evangelho, *eu-angelion*, não é só uma verdade a ser reafirmada, mas uma boa nova que produz alegria. O

---

28 de abril de 2004, no evento Abrindo o Livro, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na *IHU On-Line* n.º 98, de 26 de abril de 2004. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no *IHU On-Line* n.º 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*. A edição número 102, da *IHU On-Line*, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Os Cadernos Teologia Pública publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>13</sup> Cf. SOBRINO, J. *O princípio da misericórdia*: Descer da cruz os povos. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 13.

<sup>14</sup> Cf. SOBRINO, J. *A fé de Jesus Cristo*: Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 13-15 (Col. Teologia e Libertação).

impacto consistiu, essencialmente, na percepção de uma nova realidade: os pobres e as vítimas, produto do pecado e da opressão humanas. Significou conhecer o Deus dos pobres e os pobres, para quem a tarefa mais urgente é sobreviver e o destino mais próximo é a morte lenta.

Esse despertar teve conseqüências decisivas para a sua vida religiosa e eclesial. Os interesses intelectuais, as certezas e as dúvidas de fé, as perguntas teológicas, exigem honradez com a trágica realidade histórica de repressão e das mortes, massivas e injustas. Tudo isso o levou a perceber não só a existência de Deus, mas também dos ídolos; não só do ateísmo, mas também da idolatria, e a descobrir a correlação transcendental entre Deus e os pobres. Os pobres e as vítimas são sacramentos de Deus e presença de Jesus em nosso meio.

Essa percepção significou uma mudança radical na compreensão do fazer teológico o qual sem ignorar o *intellectus fidei*, passou a ser, preferencialmente, *intellectus amoris*, ou seja, uma teologia preocupada em “descer da cruz os povos crucificados” e, por isso mesmo, *intellectus misericordiae*, *intellectus iustitiae*, *intellectus liberationis*. Essa teologia é também *intellectus gratiae* e a graça passou a fazer parte de sua teologia não como tema específico a ser tratado, mas como dom de Deus que fecunda e alimenta o labor teológico. Para Jon Sobrino, conceber a teologia como *intellectus amoris*, ineligência da realização do amor histórico pelos pobres e do amor que nos torna afins à realidade de Deus, é a maior novidade teórica da Teologia da Libertação, tornando-a mais bíblica e mais relevante historicamente e levando-a a ser mistagógica, oferecendo o amor como caminho primário que nos torna semelhante a Deus.

A publicação de sua primeira obra (*Cristologia a partir da América Latina: Esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*), em 1976, fruto de um curso ministrado no ano anterior, no Centro de Reflexão Teológica de San

Salvador, assinala sua incorporação pública entre os teólogos da libertação. A partir dessa data, destacou-se o A. por sua ampla produção teológica, publicada em livros e revistas. No panorama da Cristologia latino-americana, suas obras tornaram-se ponto de referência obrigatório<sup>15</sup>.

Sobrino sublinha um estancamento na teologia da ressurreição por duas causas. Porque a ressurreição, remetendo ao futuro da história, não parece dizer nada que seja importante para o presente e porque a esperança redescoberta pela nova teologia generalizou-se em demasia. Embora relevante, é uma esperança precipitadamente universal e não capta a parcialidade que lhe é essencial, pois a ressurreição de Jesus é esperança, diretamente, para as vítimas<sup>16</sup>.

Jon Sobrino está de acordo com a insistência de J. Moltmann<sup>17</sup> de que a ressurreição de Cristo não pode ser

<sup>15</sup> Cf. HAMMES, Érico João. “*Filii in Filio*”. A divindade de Jesus como evangelho da filiação no seguimento. Um estudo em J. Sobrino. 1995. Tese (Doutorado em Teologia Sistemática) - PUG - Pontificia Universidade Gregoriana, Roma, 1995, p. 67 e 81-86 (Cf. BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus: Uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 21-26).

<sup>16</sup> O A. reconhece, ao longo de sua teologia, a riqueza da influência da nova teologia da esperança, a influência de Ernest Bloch, de Pannenberg e de Moltmann, mas afirma que a universalidade da esperança se capta desde a parcialidade das vítimas (Cf. SOBRINO, J. *A fé de Jesus Cristo: Ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 70-74 (Col. Teologia e Libertação)).

<sup>17</sup> Jürgen Moltmann (1926): professor emérito de Teologia da Faculdade Evangélica da Universidade de Tübingen. Um dos mais importantes teólogos vivos da atualidade. Foi um dos inspiradores da Teologia Política nos anos 1960 e influenciou a Teologia da Libertação. É autor de *Teologia da Esperança*, São Paulo: Herder, 1971 e *O Deus Crucificado. A cruz de Cristo, fundamento e crítica da teologia cristã, Deus na Criação. Doutrina Ecológica da Criação*. Vozes: Petrópolis, 1993, entre outros. Confira a entrevista de Jürgen Moltmann, um dos maiores teólogos vivos, na *IHU On-Line* n.º 94, de 29-03-2004. Desse autor a Editora Unisinos publicou o livro *A vinda de Deus. Escatologia cristã*. São Leopoldo, 2003. O professor Susin apresentou o livro *A Vinda de Deus: Escatologia Cristã*, de Jürgen Moltmann, no evento *Abrindo o Livro* do dia 26 de agosto de 2003. Sobre o tema, confira na *IHU On-Line* número 72, de 25-08-2003, a entrevista do Prof. Dr. Frei Luiz Carlos Susin. A edição 23 dos Cadernos

reduzida a questões doutrinárias, existenciais ou históricas. A ressurreição não pode ser considerada à margem da cruz ou cruzeiros do mundo. Não pode, assim, ser tratada independentemente da missão eclesial de trabalho em prol da justiça e da libertação<sup>18</sup>. Com esta delimitação, busca os pressupostos que ajudem a captar a ressurreição do Crucificado na caducidade da história.

## 2) A Ressurreição como revelação da Justiça de Deus

As vítimas deste mundo são o lugar substancial donde brota a cristologia sobriniana e, ao mesmo tempo, onde podem ser encontrados os seus destinatários privilegiados. São o “a partir de onde” e o “para onde” de sua cristologia<sup>19</sup>.

A correlação entre Jesus e as vítimas estabelece um círculo hermenêutico: de um lado, as vítimas ajudam a entender os textos cristológicos e a conhecer melhor a Jesus; de outro, Jesus ajuda a compreender melhor as vítimas e a defendê-las. A partir desse círculo hermenêutico, Jon Sobrino introduz os pobres<sup>20</sup> e as vítimas no âmbito da realidade teológica, e é defendendo-as que faz teologia, uma teologia comprometida em fazer os povos crucificados descerem da cruz<sup>21</sup>. Na

---

Teologia Pública, de 26-09-2006, tem como título *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann*, de autoria de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>18</sup> “A primeira pergunta que se dirige à Igreja, precisamente quando quer anunciar a ressurreição de Jesus, é se está na verdade junto à cruz e junto às inúmeras cruzeiros da história” (Cf. SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 228).

<sup>19</sup> Conseqüentemente, o “lugar” de sua teologia deixa de ser um *ubi* categorial, um lugar geográfico-espacial concreto - universidades, seminários, comunidades de base, cúrias episcopais..., embora os inclua - e passa a ser um *quid*, uma realidade substancial que contamina, questiona e ilumina a reflexão cristológica do autor.

<sup>20</sup> Na Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, o problema da promoção humana não pode ser posto à margem da relação com Deus (n. 43-44)

<sup>21</sup>SOBRINO, J. *A fé de Jesus Cristo: Ensaio a partir das vítimas*, Petrópolis: Vozes, 2000, p. 20 (Col. Teologia e Libertação).

situação concreta dos povos crucificados, surgem, por sua própria natureza, as mais desafiadoras perguntas em relação à ressurreição: é possível compreender e refazer hoje, ainda que seja de forma analógica, a experiência dos primeiros cristãos? Quais as possibilidades de viver como ressuscitados nas atuais condições históricas? O povo crucificado pode ter esperança de ser também um povo ressuscitado? Que significa crer que Deus é o Deus da vida, que faz justiça a uma vítima inocente, ressuscitando-a da morte?<sup>22</sup>

Pergunta-se, ainda, como pode captar-se e compreender o viver, já agora na história, como ressuscitados? Como compaginar o senhorio de Cristo e a miséria reinante neste mundo?

Sobrino nos apresenta caminhos específicos para captar a teologia da ressurreição de Jesus e nos instiga a buscar hermenêuticas libertadoras. As vítimas são o *locus* privilegiado para captar a ressurreição do Crucificado. Ele nos mostra a riqueza da revelação de Deus nos mais pobres e injustiçados. Nos apresenta, finalmente, a dimensão escatológica da Ressurreição em nossa história e a ressurreição como revelação da justiça de Deus. Uma utopia para viver no seguimento de Jesus e uma promessa que nos abre a um futuro de esperança.

A ressurreição de Jesus é origem e fundamento da fé. Não é um mero problema histórico. Nós nos encontramos aí diante da natureza mesma de Deus e de seu modo de relacionar-se conosco e com toda a criação. Daí a importância da compreensão e práxis da pesquisa no horizonte da ressurreição de Jesus.

Investigar quais são os pressupostos para se poder entender hoje do que se trata quando os discípulos afirmam que Jesus foi ressuscitado e que eles se encontraram com o Ressuscitado é tarefa importante, mas queremos acrescentar que, para o cristão, além disso, não é optativa. Seria um contra-senso, de fato, afirmar que a ressurreição é central à nossa fé e não

---

<sup>22</sup> Idem, p. 29.

compreender sequer do que se está falando quando a mencionamos<sup>23</sup>.

Além dos problemas da diversidade de expressões (ressurreição, exaltação, vida, está vivo...) e da manifestação dos diferentes contextos históricos bem como de uma realidade que não é conhecida diretamente, falar da ressurreição de Jesus traz consigo o desafio da hermenêutica<sup>24</sup>. É um acontecimento escatológico, ou seja, é a aparição na história da realidade final da história. Por esta razão, é fundamental levantar a questão hermenêutica diante deste acontecimento concreto, que não é só do passado, mas escatológico. Esta constatação é já uma forma de introduzir-nos na mensagem da ressurreição, à maneira de teologia negativa: a impossibilidade de encontrar uma linguagem adequada exige também a disponibilidade para um certo não-saber necessário para se saber do mistério último e daquilo que a ressurreição tem de participação nele<sup>25</sup>.

O ponto de partida de Sobrino é a pergunta pelo horizonte hermenêutico, desde o qual se deve compreender a ressurreição. Não se trata de estabelecer a historicidade ou, menos ainda, a verdade das tradições sobre a ressurreição de Jesus (das aparições ou/e do túmulo vazio), mas, sim, da compreensão da ressurreição

<sup>23</sup> Idem, p. 33.

<sup>24</sup> Hemenéutica (del griego hermeneuein = explicar, interpretar) es la ciencia de los principios que son válidos para la interpretación de una afirmación (Cf. RANHER, K; VORGRIMLER, H. *Diccionario Teológico*, p. 295; cf. LÉON- DUFOUR, X., op. cit., p. 265-311). “La hermeneutica no se limita a explicar los textos, sino que pretende comprender y expresar su sentido hoy y para mí” (Id., p. 265). O filósofo Gadamer considera a hermenêutica como “arte de compreender”. Para ele, a hermenêutica interpreta textos e também os relacionamentos humanos. Extrai significado das palavras e das experiências que são textos de vida (Cf. GADAMER, H. *L’Art de Comprendre* - II. Paris: Aubier, 1991, p. 57). Este filósofo não é citado por Jon Sobrino explicitamente, mas a compreensão do autor salvadorenho de hermenêutica se encontra muito próxima.

<sup>25</sup> SOBRINO, J. *A fé de Jesus Cristo: Ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 37 (Col. Teologia e Liberdade).

de Jesus a partir da esperança das vítimas - ligada à correlativa revelação de Deus como o Deus das vítimas - e levando em conta a possibilidade de viver já como ressuscitados nas condições da existência histórica<sup>26</sup>.

Mesmo que se tenha assentado a historicidade de um acontecimento do passado, deve-se perguntar, em geral, pelo sentido deste acontecimento no presente, separado por uma distância histórica. Hoje não podemos identificar-nos sem mais com o horizonte de compreensão que possuíam os cristãos primitivos; por isso surge o problema hermenêutico: o que significam os acontecimentos de Jesus, hoje, que óptica é necessária para que se depreenda seu sentido a partir de nosso horizonte atual, separado historicamente por vinte séculos e geograficamente pela situação de terceiro mundo<sup>27</sup>.

Antes de fazer sua própria proposta, o autor apresenta alguns horizontes da teologia européia e latino-americana que tem exercido influência em seu olhar teológico sobre a ressurreição. Sobrino, em suas colocações acerca da teologia da ressurreição respeita, dialoga, confronta e valoriza o estudo de outros teólogos, buscando fazê-lo a partir do contexto atual, principalmente dos “crucificados da história”<sup>28</sup>.

<sup>26</sup> Idem, p. 9.

<sup>27</sup> Cf. SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 245.

<sup>28</sup> “Os crucificados da história” é uma expressão que o A. tomou a partir da influência de seu amigo I. Ellacuría. Sublinha a principalidade intelectual, a “principalidade da realidade” e a “principalidade da essência. Nesta etapa já coloca as bases da superação do individualismo e do positivismo. Físico não é sinônimo de empírico ou positivo, mas que é o real, susceptível de uma dupla consideração, positiva e metafísica. E é nessa realidade onde o ser humano, por ser essencialmente aberto às coisas, não em todas, mas sim em muitas circunstâncias, pode interpor um esboço de possibilidades. Aí radica precisamente a importância da práxis histórica. A este respecto ver CASTELLÓN MARTÍN, José Joaquín. *Ellacuría y la filosofía de la práxis*. Huelva: Hergué, 2003, p. 42.

## Análise de Conjuntura

A página do IHU - [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) - publica diariamente, durante os sete dias da semana, as Notícias Diárias e a Entrevista do dia.

É um serviço disponibilizado para quem se interessa em acompanhar os principais fatos e acontecimentos políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e religiosos da contemporaneidade.

A partir desse serviço, o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, parceiro estratégico do IHU, elabora uma análise de conjuntura, em fina sintonia com a missão e as linhas estratégicas do IHU, elaborados no Gênese, Missão e Rotas, disponível na página do Instituto.

A última análise é do dia 20-3-2007 e pode ser acessada no endereço [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)

A próxima análise estará disponível no final da tarde de terça-feira e será comunicada na newsletter enviada aos cadastrados na quarta-feira.

Para se cadastrar na página do IHU clique no item "IHU por e-mail"

## Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU

*Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias Diárias do sítio do IHU. Apresentamos um resumo dos destaques que podem ser conferidos, na íntegra, na data correspondente.*

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

### **Economia e a relação com nossa intimidade**

**Ricardo Abramovay**

Confira nas Notícias Diárias do dia 20-3-2007

Ricardo Abramovay, professor titular do Departamento de Economia da FEA e do Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, fala, entre outras coisas,

sobre como a economia se relaciona com nossa intimidade, e vice-versa.

**A infestação de mosquitos no Vale do Sinos****Leonardo Maltchik**

Confira nas Notícias Diárias do dia 21-3-2007

Sobre a infestação de mosquitos no Vale dos Sinos a *IHU On-Line* conversou com o biólogo, Leonardo Maltchik, professor titular na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

**Não à TV Lula e sim à TV Sociedade Brasileira****Valério Brittos**

Confira nas Notícias Diárias do dia 22-3-2007

Há alguns dias o ministro das Comunicações anunciou o projeto de criação da Rede Nacional de Televisão Pública. O projeto suscita uma forte discussão dentro do próprio governo e em outros setores da sociedade. Para falar sobre o assunto, a *IHU On-Line* conversou com o professor Valério Brittos.

**A Igreja Universal do Reino de Deus e a Umbanda****Antonio Vieira**

Confira nas Notícias Diárias do dia 23-3-2007

Antonio Vieira, cientista social graduado pela Universidade de São Paulo, conversou por telefone com a *IHU On-Line* sobre sua dissertação "Filho-de-santo ou 'filho-de-encosto'? - Conflitos e aproximações nas disputas simbólicas entre Igreja Universal do Reino de Deus e Umbanda", no qual trata dos conflitos dessas duas religiões tão antagônicas, ao mesmo tempo em que utilizam os símbolos uma da outra, reinterpretando-os.

**"Não adianta a gente imaginar que vai ter um sistema educacional maravilhoso numa sociedade cuja economia reproduz a desigualdade e a miséria"**

**Aloísio Teixeira**

Confira nas Notícias Diárias do dia 24-3-2007

Aloísio Teixeira, reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), concedeu entrevista pessoalmente à *IHU On-Line*, refletindo sobre a educação através dos autores Saint-Simon, Fourier e Owen.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM REPRODUZIDOS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

**Por que o Brasil não cresce****Ricardo Carneiro**

Confira nas Notícias Diárias do dia 20-3-2007

Entrevista com o economista Ricardo Carneiro, professor do Instituto de Economia da Unicamp (IE), avaliando os motivos da estagnação econômica brasileira. Material originalmente publicado pelo *Jornal da Unicamp*, de 19 a 25-03-2007.

**A praga****Rubem Alves**

Confira nas Notícias Diárias do dia 20-3-2007

Em artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo, 20-03-2007, Rubem Alves comenta a Exortação Apostólica Sacramentum Veritatis de Bento XVI.

**Dez teses contra Babel****Luiz Felipe Pondé**

Confira nas Notícias Diárias do dia 20-3-2007

"A natureza humana não é passível de redução a abstrações e deve ser olhada com respeito e temor: somos agressivos, banalmente interesseiros, às vezes santos", constata **Luiz Felipe Pondé**, filósofo e teólogo.

**Dom Ladislau, consagrado pelo povo como bispo da reforma agrária toma posse. O testemunho de Jelson Oliveira**

**Jelson Oliveira**

Confira nas Notícias Diárias do dia 21-3-2007

Jelson Oliveira, do Conselho Estadual da CPT-PR, comenta a posse do primeiro bispo de São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba, D. Ladislau Biernaski.

**'Este é um governo revolucionário que não tem medo'**

**Rafael Correa**

Confira nas Notícias Diárias do dia 21-3-2007

Com dois meses de governo, Rafael Correa se define como "revolucionário". Em entrevista ao jornal *Clarín*, em 18-03-2007, afirma que será duro na negociação da dívida externa e acusa as elites do seu país, diz que não cederá aos deputados contrários à Assembléia Constituinte.

**'O rio está numa UTI. Um anêmico não pode doar sangue'**

**D. Luiz Flávio Cappio**

Confira nas Notícias Diárias do dia 22-3-2007

'O governo não nos ouve. Precisei fazer greve de fome para ser ouvido', escreve d. Luiz Flávio Cappio, bispo de Barra, em artigo publicado no jornal O Estado de S. Paulo.

**Nova classe trabalhadora**

**Marcio Pochmann**

Confira nas Notícias Diárias do dia 22-3-2007

"A nova classe trabalhadora urbana caracteriza-se por maior escolaridade, idade média avançada, ampliada presença feminina e baixa taxa de fecundidade", escreve Marcio Pochmann em artigo publicado no jornal *Valor*.

**Da 'desgauchização' à 'desparanização' das economias locais**

**Cesar Sanson**

Confira nas Notícias Diárias do dia 23-3-2007

César Sanson, pesquisador do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT e doutorando em Ciências Sociais na UFPR, comenta a crescente venda de empresas gaúchas e paranaenses.

**O adeus do Superior Geral da Companhia de Jesus Peter-Hans Kolvenbach**

Confira nas Notícias Diárias do dia 24-3-2007

O superior-geral da Companhia de Jesus, Peter-Hans Kolvenbach, traça um balanço de sua trajetória de 24 anos à frente da Ordem. A entrevista foi publicada na revista mensal italiana *Jesus*, de março de 2007.

**"Gabielli já é o nosso Rockfeller, o Brasil já é sub-imperialista. Esse é o desafio do Estado brasileiro"**  
**Francisco de Oliveira**

Confira nas Notícias Diárias do dia 24-3-2007

O sociólogo Francisco de Oliveira, mais conhecido como Chico de Oliveira, em entrevista à revista *Fórum*, de março de 2007, fala sobre o novo momento da América Latina, o protagonismo dos povos indígenas e acusa o Brasil de se acovardar na política externa.

## Frases da Semana

### Ministério

Acho que o Turismo é uma pasta a ser superturbinada - **Marta Suplicy**, ministra do Turismo - *O Estado de S. Paulo*, 20-03-2007.

### Yeda Crusius e Souza Cruz

A visão de futuro da Souza Cruz é a mesma que a nossa - **Yeda Crusius**, governadora do RS pelo PSDB - *Folha de S. Paulo*, 20-03-2007.

### 2010

"Em 2010, pelo fato de Lula não ser candidato, provavelmente teremos muitos candidatos. Somos muitos partidos e não temos um líder, como o Lula, que nos una. E a oposição também não terá um candidato só" - **Walfrido Mares Guia**, ministro das Relações Institucionais - *O Estado de S. Paulo*, 23-03-2007.

### Soros e Lula

"Lula foi muito precavido ao tornar-se um fiador do mercado financeiro" - **George Soros**, megainvestidor - *Valor*, 23-03-2007.

### Estranheza

"O mundo está mesmo virado. Ou é o Efeito Estufa. O Rio Grande do Sul é governado por uma paulista de nascença, Yeda Crusius; o arcebispo de São Paulo, Odílio Scherer, é gaúcho; o novo ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio é um jornalista; e não contentes de nos levar a Ford, os baianos ainda compram a Ipiranga. Tudo tão estranho..." - **Fernando Albrecht**, jornalista - *Jornal do Comércio*, 23-03-2007.

"Na ponta da cadeia (corte de cana), só há miséria" - **D. Antonio Celso Queirós**, vice-presidente da CNBB - *Zero Hora*, 23-03-2007.

"Onde vai a cana, aparecem os latifúndios, e onde há latifúndio há êxodo rural" - **D. Odilo Scherer**, novo arcebispo de São Paulo - *Zero Hora*, 23-03-2007.

### 20 anos?

"Eu não faço política olhando apenas o que as pessoas foram ontem, eu faço política olhando o que as pessoas vão ser amanhã, depois de amanhã" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *O Estado de S. Paulo*, 24-03-2007.

"(Fizemos) uma coalizão que pudesse mostrar ao Brasil que é possível fazer política no país com P maiúsculo e que é possível construir um país pensando nos próximos 20 anos, e não apenas nos próximos quatro anos" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *Folha de S. Paulo*, 24-03-2007.

"Stephanes colaborou com todos os modelitos tentados na República nos últimos 43 anos - o dobro dos 20 desejados por seu novo chefe" - **Clóvis Rossi**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 25-03-2007.

"Meirelles ficou com duas das três principais alavancas de política econômica (a monetária e a cambial) (do governo Lula). A terceira (a fiscal) é "imexível" porque Lula tornou-se "fiador do mercado financeiro", no dizer de George Soros. Ou seja, juntou-se à coalizão que manda no país há mais, bem mais, que 20 anos" - **Clóvis Rossi**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 25-03-2007.

### Os heróis usineiros

“Os usineiros de cana, que dez anos atrás eram tidos como bandidos do agronegócio, estão virando heróis nacionais e mundiais, porque todo mundo está de olho no álcool” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *O Estado de S. Paulo*, 21-03-2007.

“Foi uma agressão, considerando a situação de superexploração da mão-de-obra que vigora nos canaviais” - **Dirceu Fumagalli**, coordenador nacional da Comissão Pastoral da Terra (CPT), reagindo à afirmação acima de Lula - *O Estado de S. Paulo*, 21-03-2007.

“Para não passar uma imagem de leviandade, Lula deve anistiar os usineiros de São Paulo punidos (?) por forcarem bóias-frias a 14 horas de trabalho, ao sol, sem ferramentas apropriadas, sem alimentação decente e até sem água limpa para a sede. Ou tais usineiros, como os designou Lula, são "heróis do Brasil e do mundo", e não devem ser punidos por simples fiscais do Ministério do Trabalho, portanto, do próprio governo Lula; ou o deslumbramento infantilizante de Lula levou-o a acobertar exploradores de mulheres e homens da miséria. Já que não pode anistiar-se, a solução só pode ser a anistia dos malfeitores que merecem a sua louvação” - **Janio de Freitas**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 25-03-2007.

### Chávez

“O Chávez pode ser um líder carismático, mas ele faz uma péssima televisão. Como ministro das Comunicações, tenho todo o direito de fazer críticas a qualquer programação de TV que seja mostrada no Brasil. E a TV venezuelana chega pelo nosso sistema a cabo. Não é ruim. É péssima” - **Hélio Costa**, ministro das Comunicações - *Folha de S. Paulo*, 25-03-2007.

“A única razão de ser dessa TV no sistema a cabo brasileiro é que ela é hilariante. Para rir, tem grande utilidade. É melhor do que o Chaves mexicano” - **Hélio Costa**, ministro das Comunicações - *Folha de S. Paulo*, 25-03-2007.

### Apostasia

'A Europa parece ter perdido a fé' - **Bento XVI** - *O Estado de S. Paulo*, 25-03-2007.

### Zapatismo

“Espero que o espírito do zapatismo sobreviva porque seria uma grande esperança para o México e toda a América Latina” - **José Saramago**, prêmio Nobel de Literatura - *Página/12*, 24-03-2007.

“Há líderes políticos muito bem educados que são muito maus. Bush, não é uma pessoa mal educada, mas faz muito mal ao mundo” - **José Saramago**, prêmio Nobel de Literatura - *Página/12*, 24-03-2007.

## Eventos

### Agenda da semana

A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS EVENTOS PODE SER CONFERIDA NO SÍTIO DO IHU - [WWW.UNISINOS.BR/IHU](http://WWW.UNISINOS.BR/IHU)

#### **Dia 26-3-2007**

##### **Pecado: tem ainda sentido?**

Palestrante: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin - PUCRS

Encontro de Ética

Sala 1G119 - IHU - 17h30min às 19h

##### **Exibição do filme: A fraternidade é vermelha (Krzysztof Kieslowski)**

Debatedor: Prof. Dr. Enéas da Costa Souza - UFRGS/FEE

Auditório Central - 19h30min às 22h

#### **Dia 27-3-2007**

##### **Discussão do pensamento do século XIX-XX: Francisco Adolfo de Varnhagen e Capistrano de Abreu**

Prof. Dr. Temístocles Cezar

Interpretações do Brasil: dos clássicos às novas abordagens

Sala 1G119 - IHU - 19h30min

##### **Exibição do filme: O homem elefante (David Lynch)**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Stela Meneghel

Cinema e Saúde Coletiva II - Cuidado e Cuidador: os vários sentidos dessa relação

Sala 1G119 - IHU - 8h30min

#### **Dia 29-3-2007**

##### **Audição comentada de A expressão musical da fé em Bach e em Mozart - audição comparada do Credo das Missas BWV 232, de J. S. Bach. e K 427, de W. A. Mozart**

Palestrante: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Borges Caznok - UNESP

Páscoa 2007 - Cultura, Arte, Esperança

Sala 1G119 - IHU - 8h30min às 12h30min

##### **Audição comentada do Himmelfarhtsoratorium (Oratório da Ascensão) BW 11, de J. S. Bach**

Palestrante: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Borges Caznok - UNESP

Páscoa 2007 - Cultura, Arte, Esperança

Sala 1G119 - IHU - 17h30min às 19h

**Dia 30-3-2007**

**Audição Comentada de Die sieben letzten Worte unseres Erlösers am Kreuze (As sete últimas palavras de nosso Redentor na cruz), de J. Haydn**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Borges Caznok

Páscoa 2007 - Cultura, Arte, Esperança

Sala 1G119 - IHU - 8h30min às 12h

**Audição comentada de A paixão de Cristo segundo São João - BWV 245, de Johann Sebastian Bach**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Borges Caznok

Páscoa 2007 - Cultura, Arte, Esperança

Santander Cultural - Sala Multiuso OESTE - Rua 7 de Setembro, 1028, Porto Alegre - 16h às 19h

**Dia 31-3-2007**

**Audição Comentada da Krönungsmesse (Missa da Coroação) K 317, de W. A. Mozart**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Borges Caznok

Páscoa 2007 - Cultura, Arte, Esperança

Sala 1G119 - IHU - 8h30min às 12h

**Exibição do filme: A paixão de Cristo (Mel Gibson)**

Prof. Dr. Érico Hammes

Ciclo de Filmes e Debates Jesus no cinema

Livraria e Editora Pe. Reus - Rua Duque de Caxias, 805 - Porto Alegre - RS - 8h30min às 12h

# Memórias de uma aberração

ENTREVISTA COM STELA MENEGHEL

*A professora da Unisinos Stela Meneghel, Profa. Dra. em Medicina, docente do PPG em Saúde Coletiva da Unisinos, assídua colaboradora de Revista IHU On-Line vai debater no dia 27-03-2007 o filme O homem elefante, de David Lynch (1980).*

*A exibição do filmes faz parte do evento Cinema e Saúde Coletiva II - Cuidado e Cuidador: os vários sentidos dessa relação.*

*Confira, a seguir, a entrevista que ela concedeu, por e-mail, para a IHU On-Line.*

**IHU On-Line - De que maneira o cinema vem tratando o tema saúde? Especificamente, como o filme de David Lynch, *O homem elefante*, trata esta questão?**

**Stela Meneghel** - Existem vários recortes que podem ser feitos sobre a questão saúde no cinema. Por exemplo, no ano passado, quando propusemos a série Cinema e Saúde Coletiva I, optamos em compor uma linha de tempo e utilizar filmes que mostrassem diferentes olhares sobre a saúde/doença em vários momentos históricos. Os filmes selecionados buscavam estimular a reflexão acerca de aspectos polêmicos em saúde coletiva, como o fenômeno epidêmico, as diferentes concepções de saúde/doença, o movimento higienista, as políticas eugênicas, as práticas de monitoramento e controle das populações, os impasses éticos de experimentos com drogas que estão sendo executados atualmente em países subdesenvolvidos. Nesta linha, iniciamos com o filme *O sétimo selo*<sup>29</sup>, e a idéia, ao escolher o filme, era discutir o processo epidêmico da peste na Europa medieval e relacioná-lo com as práticas sanitárias estruturadas em função da peste, quando já não se excluía o doente do âmbito

---

<sup>29</sup> O Sétimo Selo: longa do diretor sueco Ingmar Bergman, de 1957. O filme retrata a época em que a Peste Negra assola a Suécia. (Nota da IHU On-Line)

comunitário, mas mantinham-se os doentes em suas casas rigidamente escrutinados pelos sistemas de polícia médica.

## 2007

No ciclo que estamos propondo para 2007, o fio condutor é o cuidado, quer seja individual, quer seja em relação a grupos, quer seja em relação ao ambiente. Cuidado entendido não apenas como um procedimento técnico, mas como uma ação integral, que compreende a saúde como direito pleno. Neste sentido, inclui o tratar, o respeitar, o acolher, o atender às pessoas em sofrimento, que não resulta só do adoecimento, mas da vulnerabilidade social.

## David Lynch

O filme de David Lynch conta a história de John Merrick, um inglês que viveu na Inglaterra vitoriana, portador de uma doença rara, que produzia uma série de alterações corporais, ocasionando o aspecto bizarro que gerou a denominação de “homem elefante”. Esta doença foi considerada por muito tempo uma neurofibromatose múltipla e só recentemente descobriu-se que se trata de uma doença genética. Esse paciente vivia em condições precárias sob os maus tratos de um agenciador que o

exibia em uma espécie de *freak how* circense. O filme foi baseado nas memórias de um médico londrino que atendeu e cuidou do paciente no Royal London Hospital.

David Lynch fez uma parábola sobre o preconceito social diante do estranho, da doença vista como uma anomalia. Além disso, questionou o *voyeurismo* tanto das camadas populares quanto da aristocracia londrina em relação ao “aberrante”, *voyeurismo* que se mantêm nos dias atuais, exposto nos *freak shows* modernos, abastecidos pelas fragilidades humanas.

#### **IHU On-Line - Como o cinema pode ajudar nesta questão?**

**Stela Meneghel** - A linguagem cinematográfica agrega uma outra perspectiva aos temas da saúde individual e coletiva, ajudando a ampliar o enfoque, a mostrar outros cenários e a usar outras lentes, de uma forma dinâmica, atual e interdisciplinar. Sociólogos como Daniel Berteaux perguntam, ironicamente, se romances como os de Dashiell Hammett não estão mais próximos da realidade do que grande parte da literatura das ciências sociais, e se os cineastas não têm sido os que mais contribuíram para a compreensão da sociedade contemporânea. Estas considerações certamente se aplicam às ciências da saúde.

Há o depoimento de um psiquiatra - James Hilmann<sup>30</sup> -, em um livro chamado *Entre vistas: conversas com Laura Pozzo* (Summus, 1989), sobre psicoterapia, biografia, amor, alma, sonhos, trabalho, imaginação e o estado da cultura, em que se afirma que “precisamos olhar nossos pacientes como Visconti ou Fellini<sup>31</sup> o fariam. Nossa linguagem é previsão estatística, não se encontra mais o olho descritivo individual, o olho clínico, o olho de

---

<sup>30</sup> James Hilmann: é psicólogo, conferencista internacional, autor de mais de 20 livros, entre eles o best-seller *O código do ser*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>31</sup> Federico Fellini (1920-1993): importante cineasta italiano, diretor de filmes como *La Dolce Vita* e *A Estrada da Vida*. (Nota da *IHU On-Line*).

Flaubert. Essa supressão de linguagem faz com que a maioria dos livros de psicologia pareça morta”.

Entendo que esta pode ser uma das grandes contribuições do cinema para as ciências da saúde, ou seja, agregar o olho imagético e a voz do contador de histórias que ajudam a pensar relações de cuidado, a aprimorar diagnósticos, a construir redes “entrepessoas”, como diz Roseni Pinheiro, a nos tornarmos mais críticos e reflexivos.

#### **IHU On-Line - Quais as principais obras cinematográficas que retrataram bem o tema saúde? Que filmes você cita e por quê?**

**Stela Meneghel** - Dentre a ampla gama de filmes que tratam direta ou indiretamente temas pertinentes ao campo da saúde, destaco alguns filmes que focalizam a doença, e, principalmente, aqueles que tratam a doença como metáfora. Metáfora de uma condição humana de vulnerabilidade, de um sistema político ou de uma sociedade.

Alguns deste filmes fazem parte da nossa mostra Cinema e Saúde Coletiva II, como *O rio*<sup>32</sup>, dirigido por Tsai Ming Liang<sup>33</sup> (1997), um drama que faz um paralelo entre a vida e as águas de um rio, no caso o Tamsui, em Taipei. “A vida é como um rio: sempre existe algum canto escuro, profundo e pantanoso”, diz o diretor. Nesta história, a doença - nem se sabe ao certo que doença é; na realidade, não importa qual seja - irrompe após o protagonista cometer a infração de entrar nas águas pretas e poluídas do rio Tamsui.

Inúmeros outros poderiam ser citados, como, por exemplo, *Morte em Veneza*, um filme de Visconti

---

<sup>32</sup> O Rio será exibido no dia 9 de outubro dentro do ciclo de debates Cinema e Saúde Coletiva II. (Nota *IHU On-Line*)

<sup>33</sup> Tsai Ming Liang: cineasta oriental contemporâneo. (Nota *IHU On-Line*)

baseado em um conto de Thomas Mann<sup>34</sup>. Podemos lembrar, também, de *A montanha mágica*, de Mann, uma alegoria à sociedade atual, cuja metáfora é a tuberculose, da qual nenhum de nós está imune, bastando submeter-se ao exame para encontrar uma “mancha”. Também *A peste*, baseado na obra de Camus<sup>35</sup>, em que a “peste” representa um regime político ditatorial e as medidas sanitárias de isolamento e quarentena servem como dispositivos de controle políticos.

Essas narrativas literárias ou fílmicas, por meio da doença - não importa se tuberculose, cólera, câncer ou aids - apresentam esta dupla conotação: por um lado, a enfermidade é agente de dor, sofrimento e limitação, e, por outro, permite ao doente um maior entendimento do significado da própria vida. Desse modo, a experiência da doença faz parte do processo de cada um tornar-se aquilo que realmente é.

---

<sup>34</sup> Thomas Mann (1875 - 1955): romancista alemão, considerado como um dos maiores do século XX. Recebeu o prêmio Nobel da Literatura em 1929. Foi o irmão mais novo do romancista Heinrich. Ganhou repercussão internacional, aos 26 anos, com sua primeira obra, *Os Buddenbrooks* (*Buddenbrooks*), romance que conta a história de uma família protestante de comerciantes de cereais de Lübeck ao longo de três gerações. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>35</sup> Albert Camus (1913-1960): escritor, novelista, ensaísta e filósofo argelino. (Nota da *IHU On-Line*)

# Francisco Adolfo de Varnhagen e Capistrano de Abreu, intérpretes do Brasil

INTERPRETAÇÕES DO BRASIL: DOS CLÁSSICOS ÀS NOVAS ABORDAGENS

*Para o historiador Temístocles Cezar, “a obra de Capistrano de Abreu é um marco da historiografia brasileira”. Sobre a obra de Francisco Adolfo de Varnhagen, afirma que ela marca “não apenas o início da história “científica” entre nós, como também estabelece temas que nortearão a pesquisa futura e princípios históricos de nossa suposta nacionalidade”. As declarações foram dadas à IHU On-Line em entrevista concedida por e-mail. Temístocles Cezar estará na Unisinos em 27-03-2007, terça-feira, apresentando o evento Discussão do pensamento do século XIX-XX: Francisco Adolfo de Varnhagen e Capistrano de Abreu, dentro da programação do Interpretações do Brasil: dos clássicos às novas abordagens. Anote e participe: Sala 1G119, a partir das 19h3min.*

*Temístocles é graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestre em Ciência Política pela mesma instituição. Doutorou-se na França, na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, EHESS com a tese L’écriture de l’histoire au Brésil au XIX e siècle. Essai sur une rhétorique de la nationalité. Le cas Varnhagen. Também na EHESS cursou seu pós-doutorado. Atualmente leciona na UFRGS, departamento de História. Sua produção intelectual inclui inúmeros artigos e capítulos de livros, entre outros.*

## A historiografia de Varnhagen e Capistrano de Abreu

ENTREVISTA COM TEMÍSTOCLES CEZAR

**IHU On-Line** - Qual é a importância que o senhor atribui à obra de Francisco Adolfo de Varnhagen?

**Temístocles Cezar** - Varnhagen<sup>36</sup> é o primeiro historiador brasileiro que podemos chamar de "colega". Não que não houvesse pesquisa antes de seu trabalho (Rocha Pita, o padre Cazal e Southey são alguns de seus antecessores), mas é com ele que começa a pesquisa sobre o Brasil, realizada sobretudo em arquivos europeus (Portugal, Espanha, Holanda etc.), financiada pelo Estado. Sua obra marca não apenas o início da história "científica" entre nós, como também estabelece temas que nortearão a pesquisa futura e princípios históricos de nossa suposta nacionalidade.

**IHU On-Line** - Fala-se de um suposto patriotismo "branco" defendido por Varnhagen, um olhar estrangeiro sobre o país. O que o senhor pensa disso?

**Temístocles Cezar** - Embora tenha nascido em Sorocaba, filho de pai de origem germânica e de mãe de nacionalidade ainda não confirmada (provavelmente brasileira ou portuguesa), Varnhagen passou a maior parte da vida no exterior. Diplomata, casa-se com uma chilena, e seus filhos nascem no Chile. Ou seja, Varnhagen está constantemente cercado por "estrangeiros", o que auxiliou a desenvolver este olhar distanciado em relação ao Brasil. Quanto ao patriotismo "branco", parece-me uma afirmação exagerada.

Varnhagen, de fato, era um defensor da suposta "superioridade" branca em relação aos outros grupos raciais (o que estava longe de ser algo incomum no século XIX, ou mesmo no XX). No entanto, para ele, era

---

<sup>36</sup> Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878): visconde de Porto Seguro, militar, diplomata e historiador brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

mais importante que o "brasileiro" se constituísse por oposição ao estrangeiro. Nesse sentido, em sua História da luta contra os holandeses (1871), ele incorpora indistintamente negros e índios como componentes da pátria desde que estivessem do "nosso" lado.

**IHU On-Line** - Qual a contribuição da visão crítica do Brasil difundida por Capistrano de Abreu?

**Temístocles Cezar** - A obra de Capistrano de Abreu<sup>37</sup> é um marco da historiografia brasileira. A obra de Varnhagen sobrevive, em parte, graças à releitura e reedição que Capistrano faz da História geral do Brasil. Nesse trabalho, aparece com clareza a maximização do método crítico (em um conjunto de notas à edição), que são a origem dos "Capítulos de história colonial". Além disso, com Capistrano inaugura-se uma nova forma de se escrever a história do Brasil, através de um estilo mais conciso, contundente e com alto poder de argumentação.

**IHU On-Line** - Como Capistrano de Abreu tratou o tema da realidade cotidiana brasileira em sua obra?

**Temístocles Cezar** - Esta é uma questão difícil, pois antes é preciso definir-se o que se entende por "cotidiano". Caso se pense o cotidiano como um conceito que abrange sobretudo as atividades desvinculadas do Estado e que se situam em um domínio estritamente privado (teríamos que pensar ainda no conceito de patrimonialismo), Capistrano não se deteve muito nele. Porém, caso se pense a realidade cotidiana como "algo que aconteceu", independentemente de sua relação

---

<sup>37</sup> Capistrano de Abreu (1853-1927): importante historiador brasileiro, tem sua obra caracterizada por uma rigorosa investigação das fontes e por uma visão crítica dos fatos históricos. (Nota da *IHU On-Line*)

arbitrária com as esferas do público e do privado, e como um trabalho de crítica que procura manter a complexidade social desta realidade cotidiana, a obra de Capistrano tem muito a nos ensinar, uma vez que ela produziu um conjunto de interpretações sobre o Brasil que nos auxiliam a olhar para dentro do país. Aliás, é curioso que nem Varnhagen nem Capistrano apareçam também como "interpretadores do Brasil" (salvo a obra de José Carlos Reis<sup>38</sup> De Varnhagen a FHC), como se a historiografia e o pensar o Brasil começassem apenas após a Revolução de 30. Penso que é necessário que se avalie tal pressuposto.

***IHU On-Line - Parece haver uma divisão entre autores que enaltecem a colonização portuguesa e consideram que o país deve manter suas características de colônia para progredir, e outros que vêem a possibilidade de avanços no país apenas na emancipação. Como o senhor vê isso?***

**Temístocles Cezar** - De modo geral, a historiografia do século XIX, aquela feita no IHGB e por Varnhagen (em Capistrano a questão não se coloca desta maneira), enaltece a colonização portuguesa como obra "civilizatória", mas do mesmo modo é favorável à emancipação política. Varnhagen, por exemplo, escreveu uma História da independência do Brasil, na qual crítica fortemente a manutenção de certas instituições portuguesas "copiadas" da ex-metrópole. Assim, não há incompatibilidade em valorizar a ocupação portuguesa do território brasileiro e o desejo de independência. Emancipação não era necessariamente romper com o passado colonial, mas projetar um futuro como nação independente.

---

<sup>38</sup> José Carlos Reis: historiador baiano. (Nota da *IHU On-Line*)

## Páscoa 2007 - Cultura, Arte, Esperança

*O artigo a seguir foi escrito com exclusividade por Décio Andriotti a pedido da IHU On-Line. Nele, Andriotti faz uma reflexão sobre as missas solenes, em ocasião da exibição pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU) promove uma intensa agenda de eventos musicais, conduzidos pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Borges Caznok, docente na Universidade Estadual Paulista (UNESP).*

*Andriotti realiza palestras sobre história da música a convite de diversas instituições. Produz o Európera, um relatório sobre cada viagem que faz à Europa a respeito das óperas, concertos e outras apresentações musicais a que assiste, distribuído a interessados, inclusive maestros. Quando da vinda do tenor italiano Luciano Pavarotti a Porto Alegre em 1997, Andriotti foi convidado pela Rádio Gaúcha para ser comentarista. É membro da Confraria Mozart de Óperas e escreve sobre a história da música do Rio Grande do Sul. Um de seus inúmeros artigos está publicado na coletânea Missões Guarani: impacto na sociedade contemporânea. São Paulo: EDUC, 1999, organizado por Regina Gadelha. É formado em Humanidades (Letras) pela antiga Formação de Humanidades dos Jesuítas, bacharel em Filosofia pela Faculdade Cristo Rei, hoje Unisinos, e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-graduou-se em História da Arte pela antiga Faculdade Palestrina, em Porto Alegre. Andriotti concedeu a entrevista Mozart: o apogeu da história da ópera?, na edição 174 da IHU On-Line, de 03-04-2006. Em 27-09-2006, dentro da programação do Seminário Internacional A Globalização e os jesuítas: origens, história e impactos palestrou na Tarde Missioneira com o tema Óperas e principais composições das missões jesuíticas. Em 17-09-2006 concedeu ao sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)) a entrevista “A música nos Sete Povos das Missões”, refletindo sobre o minicurso Valor da educação musical nos Sete Povos das Missões, que ofereceu no Seminário de 25 a 28 de setembro.*

## Missas solenes

POR DÉCIO ANDRIOTTI

A música sacra atingiu seu apogeu de perfeição e emoção com as missas cantadas em latim, compostas pelos mais insignes compositores eruditos. Por dezenas de séculos, a missa foi rezada nessa língua. As partes fixas (*Kyrie, Gloria, Credo, Sanctus, Benedictus, Agnus Dei*) começaram a ser musicadas e cantadas ainda na Idade Média. As partes móveis eram entoadas em cantochão (gregoriano), nessas mesmas missas. O exemplo mais antigo que se tem desse modo é a *Missa de Notre Dame* (1364?) de Machault. Criou-se o padrão da missa solene. Mudava o estilo sonoro conforme a época: renascentista, barroco, clássico, romântico etc.

O Concílio Vaticano II<sup>39</sup>, num inexplicável equívoco dele mesmo - ou de seus intérpretes - alijou as missas em latim, restando quase que somente as de língua vernácula, e, como conseqüência, a supressão do latim na formação do clero parecendo “matar um mal pela raiz”. Bispos radicalizaram. Houve cisma dentro da Igreja. Contudo, as tradicionais missas solenes

<sup>39</sup> Concílio Vaticano II: convocado no dia 11 de outubro de 1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8 de dezembro de 1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas. Confira, também, a edição 157 da *IHU On-Line*, de 26 de setembro de 2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível para download na página eletrônica do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

continuaram com as partes fixas em latim. Como eliminar Palestrina, Biber, Vivaldi<sup>40</sup>, Bach<sup>41</sup>, Haydn<sup>42</sup>, Mozart<sup>43</sup>, Schubert<sup>44</sup>, Beethoven<sup>45</sup>, Rossini<sup>46</sup>, Liszt<sup>47</sup>,

<sup>40</sup> Antonio Lucio Vivaldi (1678-1741): sacerdote e compositor de música barroca italiana. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>41</sup> Johann Sebastian Bach (1685-1750): músico e compositor alemão do período barroco da música erudita, além de organista notável. É considerado um dos maiores e mais influentes compositores da história da música, ainda que pouco reconhecido na época em que viveu. Muitas das suas obras refletem uma grande profundidade intelectual, uma expressão emocional impressionante. O IHU, dentro das comemorações da Páscoa 2007, oferece três audições comentadas sobre o compositor em 29 e 30 de março deste ano, ambas conduzidas pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Caznok, da UNESP. Em 29 de março o tema é *A expressão musical da fé em Bach e Mozart*, quando se fará uma audição comparada do *Credo das Missas BWV 232, de Bach, e K427, de Mozart*. No mesmo dia, Caznok comentará o *Oratório de Ascensão BW 11, de Bach*. Em 30 de março, conduz a audição comentada de *A paixão de Cristo segundo São João - BWV 245*. Sobre a obra do compositor, o IHU publicou o Caderno de Teologia Pública, número 26, Música e Teologia em Johann Sebastian Bachm, disponível para download. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>42</sup> Franz Joseph Haydn (1732-1809): um dos mais importantes compositores do período clássico. Era irmão do compositor Michael Haydn e do tenor Johann Evangelist Haydn. Tendo vivido a maior parte de sua vida na Áustria, Haydn passou a maior parte de sua carreira como músico da corte para a rica família dos Esterházy. Isolado de outros compositores, foi, segundo ele próprio, “forçado a ser original”. Sobre Haydn, confira a audição comentada de *As sete últimas palavras de nosso Redentor na cruz*, conduzida pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Caznok, em 30-03-2007, dentro das atividades da Páscoa 2007 - Cultura, arte e esperança. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>43</sup> Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791): compositor e músico erudito, um dos expoentes máximos da música clássica e um dos mais populares das audiências contemporâneas. Sobre o compositor, confira a edição 174 da *IHU On-Line*, de 03-04-2006, a ele dedicada sob o título *Wolfgang Amadeus Mozart. Jogo e milagre da vida*. Dentro da programação *Páscoa 2007 - Cultura, arte e esperança*, são oferecidas duas atividades ligadas a Mozart: a primeira, em 29-03-2007, Audição comentada de *A expressão musical da fé em Bach e em Mozart* - audição comparada do *Credo das Missas BWV 232, de Bach, e K 427, de Mozart*. (Nota da *IHU On-Line*)

Gounod<sup>48</sup>, Bizet<sup>49</sup>, Verdi<sup>50</sup>, Puccini e muitos mais outros célebres e amados pelo povo? Excomungá-los? Hoje o Vaticano parece retroceder, mas pisando timidamente sobre pegadas passadas, como se estivesse em campo minado.

### Desafio para a unidade texto-música

As missas solenes nem sempre têm todas as partes fixas musicadas. Aquelas que só o fizeram com o *Kyrie* e o *Glória* chamam-se de “missas breves”. O *requiem*, missa dos mortos, exclui as passagens de júbilo, mas recebe o cântico *Dies irae*. Algumas missas solenes são tão longas que só são apresentadas em concertos. É o caso da *Missa em Si Menor*<sup>51</sup>, de Bach (BWV 232<sup>52</sup>) e da *Missa Solemnis*,

<sup>44</sup> Franz Peter Schubert (1797-1828): compositor austríaco da era clássica. Escreveu cerca de 600 canções (o “*lied*” alemão), bem como óperas, sinfonias, sonatas entre outros trabalhos. Não houve grande reconhecimento público da sua obra enquanto foi vivo; teve sempre dificuldade em assegurar um emprego permanente, vivendo muitas vezes à custa de amigos e do trabalho que o pai lhe dava. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>45</sup> Ludwig van Beethoven (1770-1827): compositor erudito alemão do período de transição entre o classicismo e o período romântico. É considerado o maior e mais influente compositor do século XIX. Suas 32 Sonatas para Piano são consideradas o Novo Testamento da Música, sendo o Cravo Bem-Temperado de Bach, o Antigo Testamento. Recentemente, a vida e obra do músico foi levada às telas em um longa por Agnieszka Holland. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>46</sup> Gioacchino Rossini (1792-1868): compositor italiano. Escreveu várias óperas como *Il barbiere di Siviglia* (O Barbeiro de Sevilha), *Guglielmo Tell* (Guilherme Tell) e *La Cenerentola* (Cinderela). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>47</sup> Franz Liszt (1811-1886): compositor húngaro do período Romântico. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>48</sup> Charles Gounod (1818-1893): compositor francês, famoso sobretudo pelas suas óperas e música religiosa. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>49</sup> Georges Bizet (1838-1875): compositor francês da época do Romantismo. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>51</sup> Missa em Si Menor foi ouvida e comentada na edição de 2005 em evento do IHU.

<sup>52</sup> Confira a programação dos Eventos do IHU desta semana, que em 29-03-2007 conta com a audição comentada de *A expressão musical da*

de Beethoven, ré maior (op. 123). A *Missa em Dó Maior* de Mozart KV 317<sup>53</sup> (da Coroação), de duração normal para o gênero, é a mais afetiva e a mais executada, quer liturgicamente, quer em forma de concerto.

Considerando os textos das partes fixas, conclui-se que o compositor encontrará, no *Kyrie*, *Gloria*, *Sanctus* e *Benedictus*, relativa facilidade para dar unidade à partitura. O *Credo*, entretanto, possui texto variadíssimo: viaja desde a criação até a vida eterna. Aí reside o maior desafio para a unidade texto-música não perdendo a homogeneidade. Em compensação, o *Agnus Dei*, trazendo a humildade, devoção e o pedido de “Dai-nos a paz!”, oferece ao compositor grande fonte de inspiração. Não é, Mozart?

### Viena, capital das missas solenes

Viena é a capital musical no assunto. Nenhuma outra cidade no mundo se lhe aproxima. Em todos os domingos e dias de festa, realizam-se missas solenes em diversas igrejas. Estando na Europa em dezembro último (2006) decidi fazer pequena e relativa cobertura da liturgia natalina de Viena nos dias 24, 25 e 26. Tomando como ponto referencial a Catedral de Santo Estevão, descobri-se que, num raio de pouco mais de mil metros, a partir dela, ficará incluída uma dezena de igrejas realizando missas solenes com orquestras, coros, solistas, órgãos, em horários quase coincidentes; ou outras manifestações litúrgicas. Para assistir o quanto possível, voei rasteiro nos deslocamentos. E assim consegui estar em: *Vesperae Solemnis de Confessore*, de Mozart KV 339; *Theresienmesse*, sibemol maior, de Haydn; *Missa em si maior*, de Schubert D324,; *Missa Solemnis*, de Viktor

*fé em Bach e Mozart - audição comparada do Credo das Missas BWV 232, de J. S. Bach, e K 427, de W. A. Mozart, conduzida pela Prof.ª Dr.ª Yara Caznok. (Nota da *IHU On-Line*)*

<sup>53</sup> Confira a programação dos Eventos do IHU desta semana, que em 31-03-2007 conta com a audição comentada da *Missa da Coroação, K 317*, de W. A. Mozart, conduzida pela Prof.ª Dr.ª Yara Caznok. (Nota da *IHU On-Line*)

Keldorfer; e *Missa em dó maior*, de Mozart KV 317 (da Coroação). Esta última foi a “missa do galo” do dia 24 na Igreja dos Jesuítas (*Jesuitenkirche*). Fiquei quase todas as vezes em pé, porque as igrejas estavam sempre lotadas. Se não se chegar bem antes...

As igrejas ao natural provocam desatenções pela suntuosidade ambiental e artística. O cerimonial é

envolvente. Em certo sentido, um “show” que agrada fiéis, curiosos, interessados só na música, turistas. Para melhor percepção dos valores musicais dessas missas, é indispensável ouvi-las também em casa, através de gravações, ou em pequenos recintos, em grupos e com comentários.

## Liberté, Egalité e Fraternité

ENTREVISTA COM ENÉAS COSTA DE SOUZA

*“A liberdade é aquela que se constrói na solidão e diante da morte; a igualdade emerge na descoberta de que todos somos seres do sofrimento; e a fraternidade está na ultrapassagem que ela pode propiciar as traições que os parceiros podem nos fazer”, explica o crítico de cinema, Enéas Costa de Souza.*

*Souza vai falar sobre o filme A fraternidade é vermelha (Krzysztof Kieslowski<sup>54</sup>) no dia 26-03-2007, no evento Páscoa 2007 - Cultura, Arte, Esperança. O professor da UFRGS é economista, ex-secretário de estado de Ciência e Tecnologia, psicanalista e estudioso de questões brasileiras. Nos dias 14 e 20, foram apresentados os filmes A Liberdade é Azul e A Igualdade é Branca, no IHU, respectivamente.*

---

54 Krzysztof Kieslowski: cineasta polonês. (Nota da *IHU On-Line*)

### ***IHU On-Line* - Como o senhor classifica o cineasta Kieslowski?**

**Enéas Costa de Souza** - Kieslowski é um cineasta da interrogação, mas da interrogação concreta. Na *Trilogia das cores*, parte da história idealizada da Revolução Francesa. Ela definiu para nós, como gênese do mundo moderno: "Liberdade, Igualdade e Fraternidade", simbolizadas, na proposta cinematográfica, pelas cores azul, branca e vermelha. E como é que essa idealização nos atinge? Como é que se dá a relação entre esses ideais e o cidadão comum, hoje, posto nas mais diversas condições cotidianas da vida? A interrogação chega sempre com a presença constante e inquietante da morte. E do jeito que a interrogação é feita, ela nos encaminha para o tema do sentido das coisas, do sentido da vida, do sentido da relação entre os homens. Mas, cabe notar, esta interrogação de Kieslowski não é a interrogação de um filósofo, que se arma através de um discurso conceitual, encadeando argumentos, pesando os prós e os contras. Nada disso. Trata-se de um pensamento que se origina nos dramas cotidianos em imagem. Um pouco como Nelson Rodrigues<sup>55</sup>: a vida como ela é. Ou seja, temos uma imagem que parte das pessoas comuns, submetidas a alguma situação constrangedora: a mulher que se acidentou e perdeu no acidente o marido e a filha; o casal que passa pelo sofrimento que um causa ao outro, em momentos distintos; e a descoberta da fraternidade na dor de ser traído. Porém, o que importa em Kieslowski é o trato sombrio de seus filmes, o leve tom de uma certa energia crítica, atrevidamente dura, mas de um humor negro saltando da tela, emergindo com sabores de comédia. Levantando o tapete da tristeza, vem junto a vassoura do humor. Melhor seria dizer da ironia, por meio da qual se cruzam o lado melancólico e a mordacidade suave. Diria que basicamente Kieslowski é um cineasta que tenta

---

<sup>55</sup> Nelson Falcão Rodrigues (1912 – 1980) foi um importante dramaturgo, jornalista e escritor brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

construir no espectador uma visão crítica e amorosa (sim, amorosa) da vida. Porque, uma das coisas-chaves é que o seu cinema trabalha com os paradoxos da existência.

### ***IHU On-Line* - Quais as particularidades da *Trilogia das cores*?**

**Enéas Costa de Souza** - A liberdade é aquela que se constrói na solidão e diante da morte; a igualdade emerge na descoberta de que todos somos seres do sofrimento; e a fraternidade está na ultrapassagem que ela pode propiciar às traições que os parceiros podem nos fazer. A verdade dos dois sempre é o três, para que nos descubramos um. Embora a abordagem de um filme privilegie um tema, todos os demais estão presentes em cada qual. Ou seja, a fraternidade e a igualdade estão envolvidas nas questões da liberdade, e vice-versa. Em todas há algo das outras. Como diz o autor, sempre se faz o mesmo filme. Então, a questão fundamental do cinema é como o pensamento está inscrito na imagem. O que quer dizer isso? Quer dizer que tudo no filme é importante: como se escolhe um ator; como se faz este ator, já personagem, atravessar ou existir num cenário; como se constrói a iluminação e as sombras das cenas - o velho tema bíblico da luz e das trevas -, criando a atmosfera de um lugar; como os personagens se movem e agem diante dos objetos e seres: casas, telefones, mesas, copos de bebida, dinheiro, carros, cães, ruas etc.; enfim, como eles atravessam as zonas dramáticas dos enredos. Agora, saltando para o ato de filmar, percebemos que uma película traz nas imagens a presença invisível do cineasta, e da sua direção nasce uma energia que ele administra em cada tomada de cena, que atravessa a filmagem e que se concentra e se dinamiza na montagem. E o filme, como energia transformada, chega para atingir o espectador. Com isso, ele mergulha num diálogo com a ficção e consigo mesmo. E daí, tu me perguntas, qual o meu filme preferido da

trilogia? Para mim, todos os filmes das cores assumem uma envergadura semelhante, vejo-os como um tríptico, no qual cada obra completa a outra. Agora te pergunto: a gente gosta mais do vermelho, do azul ou do branco na bandeira francesa? De nenhuma cor em particular. A gente gosta do todo. A beleza da trilogia de Kieslowski está na combinação dos três filmes.

**IHU On-Line - Por que os filmes chamados de arte têm dificuldade de serem aceitos pelo grande público? Por que eles são considerados difíceis de entender?**

Enéas Costa de Souza - O mundo é hoje visto pelo computador. Procuo a mim mesmo nos *sites*, nos *chats*, nos *blogs*. Se não gosto do que está a minha frente, ou deleto ou desligo o meu acesso à rede. Na verdade, o computador é como a letra da música americana: "me, myself and I". Enrolo-me em mim mesmo. Quando vou ao cinema não quero saber das fraturas da vida, quero meu gozo de todo o dia. Quero o consumo que me é necessário. A arte não é consumo, não tem um menu para achar o seu significado, para abrir um programa. A arte não é um *software* e o cinema e os filmes em DVDs não são um *hardware* no qual eu vou surfar. O cinema, como arte, é um desafio, uma resistência, um poema que eu não sei como se fez e o que quer dizer. Um filme de arte me provoca a sensibilidade e o pensamento. Preciso trabalhar para descobrir o que está ali naquela jóia, naquele segredo. Trabalhar a mim e o filme. Quem gosta de arte evita a coisa mecânica e as imagens gastas e repetidas da publicidade, do cinema de diversão, da mídia sombria e do medo. Vivemos o mundo do espetáculo do falso brilhante. Uma imagem de um filme é algo novo, é uma energia que inventa uma outra imagem. E o ritmo da sucessão das imagens e da história narrada exigem que o espectador entre em contato com este mundo. O cinema de arte não é um sorvete que consumimos ou um café que bebemos, falando de casualidades ou seduções. Exige o pensar. Por quê?

Porque a vida, o mundo, a sociedade requerem compreensão e reflexão. O grande público consome, não pensa. E o cinema é um dos lugares privilegiados do pensar. O grande público vai ao cinema para consumir emoções, gestos, ações, vibrações, como uma mulher ou um homem que entram numa loja para comprar uma bijuteria da moda. O pior é que, muitas vezes, acham que é jóia a bijuteria que compraram. O cinema nos fala de outra coisa: fala-nos do sentido da vida, nos diz do sentido do amor, nos traz as considerações sobre as traições, sobre o crime, a inveja, o ciúme, sobre o que é ser jovem, sobre o que é a morte, a velhice, o valor das coisas, inclusive do dinheiro. Por isso, o grande público foge da arte, porque ela incomoda. Pensar, já dizia Fernando Pessoa<sup>56</sup>, dói. E o grave é que pensando em deletar um filme de arte, o que grande platéia deleta é a si mesma. A arte é necessariamente difícil porque ela é sempre criação, no caso do cinema de uma imagem nova e essencial da nossa época. E esta não sai do espetáculo, sai da construção inovadora de um filme. Portanto, é preciso saber e estudar como isso foi feito. E é o que Kieslowski requer dos seus espectadores.

---

<sup>56</sup> Fernando Pessoa (1888-1935): escritor português, considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa. (Nota da *IHU On-Line*)

## Como enlouquecer seu chefe

UMA ANÁLISE DE GIOVANNI ALVES

*Na próxima quarta-feira, dia 28 de março, o Ciclo de Filmes e Debates - Trabalho no Cinema apresenta a película Como enlouquecer seu chefe (Office Space, 1999), de Mike Judge. O evento pretende debater as profundas transformações do mundo do trabalho e dos trabalhadores e a forma como estas mudanças são interpretadas pelo cinema.*

*Para analisar o filme e suas contribuições para a superação da crise do trabalho, a IHU On-Line entrou em contato com o doutor em ciências sociais e professor de sociologia da UNESP-Marília, Giovanni Alves. Ele também é coordenador do Projeto Tela Crítica e autor da obra “Trabalho e Cinema - O mundo do trabalho através do cinema” (Editora Práxis, 2006).*

*O filme será apresentado na sala 1G119, no Instituto Humanitas. O evento acontece das 19h15 às 22h15min e será debatido pelas professoras doutoras Fatimarlei Lunardelli e Marilene Maia.*

*Confira a análise de Giovanni Alves.*

Lançado no auge da New Economy e do boom das empresas de Internet nos EUA em 1999, Office space, título original de *Como enlouquecer seu chefe*, de Mike Judge, é uma deliciosa comédia sobre o mundo dos proletários de “colarinho-branco” no Vale do Silício, na Califórnia. No filme, todos são proletários. Peter Gibbons, o programador; Joanna, a garçonete; Alexander, o operário, vizinho de Peter etc. Enfim, todos estão imersos na condição de proletariedade, sendo obrigados a vender sua força de trabalho para “pagar as contas”. Esta é a condição do trabalho na sociedade burguesa.

No filme, Peter Gibbons (Ron Livingston) é um programador de computadores que trabalha na Initech, fazendo upgrade dos softwares, e se sente muito infeliz no emprego. Mas após uma sessão de hipnoterapia, seu comportamento muda e ele passa a não cumprir horários,

nem fazer nada daquilo que lhe foi determinado. Porém, quanto mais se rebela, mais é elogiado por especialistas em produtividade, que lhe dão uma promoção e fazem isto no mesmo período em que várias pessoas são demitidas.

O jovem Peter Gibbons é um homem estressado pela rotina e oprimido pelo chefe no local de trabalho. Bill Lumbergh é o espectro que persegue Peter, inclusive em seus pesadelos. É a própria persona do Mal. Mas Lumbergh é menos um vilão ardiloso que um filisteu medíocre. Ao mesmo tempo, Peter está insatisfeito com sua vida amorosa. É um detalhe importante. O filme expõe o estreito laço entre trabalho e vida afetiva. De certo modo, como Lester Burham, de *Beleza americana* (1999), o que move Peter Gibbons, em sua atitude pessoal contra o trabalho estranhado, são disposições íntimas que o sufocam. Por isso, de repente, ele

“chuta o balde”: abandona a namorada e, ao mesmo tempo, rompe com o estilo de vida do empregado enquadrado na rotina de trabalho monótona e repetitiva.

O eixo temático principal do filme é a crítica visceral do trabalho capitalista, trabalho estranhado que consome tempo de vida e que submete homens e mulheres à rotina monótona e repetitiva. É o mote das músicas que tocam no filme. Mas o trabalho estranhado é o trabalho abstrato, o trabalho que produz valor. Assim, embora Como enlouquecer seu chefe trate do mundo do trabalho em escritório, a falta de sentido do trabalho é a mesma do trabalho do operário da linha de montagem da fábrica. É por isso que Peter Gibbons, como Carlitos de *Tempos modernos* (1936), está imerso no trabalho abstrato. Como enlouquecer seu chefe é o *Tempos modernos* da New Economy, embora, é claro, Peter Gibbons não esteja à altura do Carlitos de Charlie Chaplin.

Mas um dos grandes méritos do filme de Mike Judge é nos expor, com humor ácido, um traço ontológico da sociabilidade moderna: a falta de sentido do trabalho (e da vida) na sociedade burguesa. Aos poucos verificamos que não apenas Peter, mas Joanna e muitos outros demonstram alguma insatisfação com o emprego que consome suas vidas pessoais. A caricaturização dos tipos humanos (Peter, Joann, Alexander, Bill, Milton, Tom etc) não impede que possamos nos identificar (ou identificar alguém), em algum momento, com eles. É claro que só uma análise crítica do filme é capaz de desvelar as múltiplas implicações sociológicas desta constatação essencial.

É numa segunda-feira que a crise pessoal de Peter Gibbons se manifesta com vigor. Segunda-feira é um “dia de cão”. Como Carlitos, de *Tempos modernos*, ele surta. Primeiro, Peter é o empregado que sempre diz “sim” para o chefe, submetendo-se às horas-extras nos fins de semana. O tempo de vida de Peter é tempo de trabalho.

Ao redor dele, uma série de personagens compõem o espaço do escritório. Podemos contatar um complexo de afetos contraditórios que permeiam a alma proletária. Por um lado, insatisfação e medo; e, por outro lado, comodismo e perspectiva de carreira. É o caso do exótico Milton, do temeroso Tom e dos jovens programadores Michael Bolton, de estilo nerd, e do jovem indiano Samir Nagheenanajar. Ao lado da Initech, os fast-foods com lanches e refeições rápidas para vidas velozes.

O diretor Mike Judge expõe a fauna humana dos ambientes de trabalho no Silicon Valley. A ridicularização dos tipos humanos no filme é um recurso heurístico capaz de expor, com humor caustico, a banalidade da vida burguesa. Se olharmos bem de perto, cada detalhe de *Como enlouquecer seu chefe* é uma crítica mordaz não apenas da vida corporativa americana, mas do *american dream*.

É claro que, de imediato, a crítica do trabalho capitalista sugerida no filme é tão elementar quanto a filosofia zen de David Carradine na velha série dos anos 1970, *Kung Fu* (a série de TV preferida por Peter e Joanna). O jovem Peter reage ao trabalho estranhado, rebelando-se através do ócio militante. Ele quase declama o “direito à preguiça”, de Paul Lafargue. Em seu surto pessoal, Peter Gibbons se recusa a seguir horários e critica as atribuições de tarefas. Mas, de modo paradoxal, Peter torna-se agente da flexibilização do trabalho. Por isso, de modo inusitado, é admirado pelos consultores contratados para fazer um *downsizing* na empresa. Quanto mais se rebela, mais é elogiado pelos especialistas em produtividade. O sistema sócio-metabólico do capital é capaz de absorver tudo... Talvez o que Peter Gibbons esteja sugerindo é que empresas da New Economy não podem ser gerenciadas como empresas da Old Economy.

Mas Peter não consegue ir além da ordem sistêmica do capital. Ao se contrapor a ela, submerge na lógica de

produtividade. Ao ser promovido, ele ocupa o lugar de dois amigos programadores, demitidos pela reengenharia. Ele não se rebela contra a atitude da empresa. Mas sente-se indignado com o sistema. Não há saídas coletivas em Como enlouquecer seu chefe. Ao estilo de Holywood, a “saída” é meramente individual. Na pior da hipótese, todos nós somos “gângsteres”. O que se sugere como saída, no filme, para os jovens proletários indignados não é o individualismo empreendedor do american dream, que constrói o negócio por conta própria, mas sim o individualismo criminoso. Entretanto, o que o diretor Mike Judge procura no filme é compor mais um elemento de ridicularização do american dream que se converteu hoje, em mera fraude e trapaça. Como diria David Harvey<sup>57</sup> no livro *O novo imperialismo* (São Paulo: edições Loyola, 2004), vivemos na época da “acumulação por espoliação”. Portanto, o revide de Peter, Michael e Samir não poderiam deixar de incorporar o maldito “espírito de época”.

Em última instância, Peter, Michael e Samir sugerem que é apenas transgredindo a lei é que se pode enriquecer na América. É a antiética do trabalho (talvez valha a pena assistir, logo a seguir, o documentário *Enron - Os mais espertos da sala*, de Alex Gibney). Nesse sentido, é genial a sacada de Mike Judge, incorporando no imaginário do filme, a lenda do Superman. O plano de Peter para conseguir dinheiro é exatamente igual ao de Gus Gorman no filme *Superman III* (de 1983). Neste filme, Superman (Christopher Reeve) enfrenta um computador diabólico, programado por um gênio da informática chamado Gus Gorman, que pretende dominar o mundo.

Nesta pequena sinopse crítica, buscamos indicar alguns elementos temáticos e algumas pistas de análise que

---

<sup>57</sup> David Harvey: professor de geografia da Universidade de Oxford e atualmente trabalha com diversas questões sobre sustentabilidade e geografia urbana. (Nota da *IHU On-Line*)

podem ser utilizadas para discutir a sociedade capitalista a partir do filme de Mike Judge. É claro que as considerações acima não se esgotam nem têm a pretensão de esgotar os detalhes que, com certeza, sugerem muitos outros elementos categoriais para elaborarmos uma crítica da da sociedade burguesa e do sócio-metabolismo do capital com seu trabalho estranhado.

## Perfil Popular

### Rosane Marques

*A nova editoria da revista IHU On-Line descreve o perfil popular de alguém que, mesmo não vivendo no mundo acadêmico, sempre tem o que ensinar. Contaremos aqui a história de vida e a visão de mundo de pessoas que lutam pela sobrevivência e pela dignidade e que, apesar das dificuldades, têm sonhos e anseios de uma vida melhor.*

Oriunda de Novo Hamburgo, Rosane Marques trabalha diretamente com os alunos, como motorista de sua empresa, Rosetur, que faz transporte universitário. Apegada à família, começou o negócio tendo em mente seus filhos. “Eu precisava trabalhar. Meu marido estava doente na época e eu fiquei com medo, caso acontecesse algo mais grave, de como eu iria sustentar os meus filhos.”

**Transporte** - Rosane queria crescer na vida e então voltou a estudar. Ela cursou História na Unisinos. “Enquanto eu estudava, eu queria trabalhar, mas para lecionar seria só com contratos temporários, com um salário baixo. Eu tinha um carro de passeio e resolvi vender e comprar uma besta, que, na época era outra, de doze lugares, e comecei a fazer transporte para a Universidade”. A motorista aprecia a profissão. “É bom. Não vou enriquecer, mas é um salário razoável, que me deixa mais tranqüila financeiramente”.

**Susto** - A saúde motivou Rosane a voltar a estudar. “Pensei que poderia ter câncer, e esse susto me animou a fazer o que quero. Quando esses problemas não são na nossa família, pensamos que nunca irão acontecer com a gente.” Mas tudo não passou de um susto. “Aproveitei a segunda chance que me foi dada.” Rosane prestou vestibular para História e passou. “Quando me formei, meu plano era dar aulas, mas como já tinha montado a

empresa, achei mais conveniente continuar fazendo transportes. Não que eu não queira dar aulas, talvez no futuro.”

**Família** - Com a família sempre em mente, Rosane recorda a época em que conheceu o marido. “Conheci meu marido ainda quando cursava o Ensino Médio, há vinte e três anos. Não tive muitos namorados. Quando o conheci sabia que era a pessoa com quem eu iria me casar.” O casamento deu frutos. O casal tem dois filhos: um de dezenove e outro de catorze.

**Dia-a-dia** - Rosane tem um dia corrido, vivendo a rotina de quem tem muitas atividades e pouco tempo. Além do trabalho como motorista, Rosane ainda cuida dos filhos e da casa. O mais velho, já encaminhado na carreira, trabalha com o pai em uma empresa da área da saúde e cursa, juntamente com pai, Administração Hospitalar, na Unisinos. “Meu marido vem dois dias por semana para ter aulas e, então, eu tenho folga. Também sou dona-de-casa, não tenho ninguém para me ajudar com as tarefas domésticas.” Rosane ainda encontra tempo para o filho mais novo. “Nos dias em que não trabalho à noite na besta, levo meu filho para a natação.”

**Trabalho** - A motorista já trabalhou na indústria

calçadista, que tem seu centro na região de Campo Bom. “Hoje a indústria está decadente. Trabalhei onze anos em uma mesma empresa como costureira de calçados. Era um trabalho do qual eu gostava.” Mesmo com um trabalho estável, Rosane pensava no crescimento de sua carreira. “Apesar de satisfeita com o trabalho, tinha a vontade de crescer mais.”

**Motorista** - Rosane tem contado direto com alunos diariamente. “No meu trabalho tenho adolescentes e adultos. Com os mais novos, faço às vezes o trabalho de psicóloga. Ouço queixas sobre os pais e aconselho, pois às vezes já passei pela mesma situação.” Ela ressalva o quanto esse contato é importante. “Não sei se teria esse contato fazendo transporte para uma empresa.” Pela manhã, ela encontra alunos que estão na faixa etária dos seus filhos, e à noite são pessoas um pouco mais velhas. Apesar da rotina puxada, Rosane adora seu trabalho. “Excluindo o estresse da estrada, é tudo muito fácil.”

**Crise** - Preocupada com crise da indústria dos calçados, Rosane lembra dos amigos que saíram do país em busca de uma nova chance. “Muitos parentes e amigos foram para a China em busca de oportunidades. Se as indústrias não estão bem, todos a sua volta sofrem.” Rosane explica que o setor do transporte também foi atingido pela crise. “O poder aquisitivo da população cai, e com isso as pessoas vão ‘cortando’ algumas coisas que são consideradas supérfluas na vida diária.” Ela confessa que a crise não a atingiu diretamente, mas lamenta pelos amigos. “Fico preocupada, pois acho que a situação não vai melhorar, pode até piorar.”

**Tempo livre** - Enquanto espera os alunos retornarem das aulas, Rosane não fica parada. No seu trabalho, apesar de escassas, as mulheres são unidas. “Eu e outras motoristas, costumamos caminhar no Complexo de Desporto e Lazer da Universidade. No final da semana,

aproveitamos o tempo para fazer as unhas, crochê e tricô.”

**Amizade** - Com uma das três mulheres motoristas no turno da manhã, Rosane constata o quanto é diferente a rotina dos homens da profissão. “Observei que as mulheres aproveitam melhor esse tempo, enquanto os homens dormem. Nunca ficamos paradas. Já temos um vínculo de amizade.”

**Futuro** - Quanto ao futuro, Rosane se preocupa com os filhos. “Quero que meus filhos tenham uma vida razoável pelo menos. O que mais me preocupa é a situação financeira.” O diploma de Rosane também será aproveitado no futuro. Ela planeja lecionar História em uma escola municipal.

## Eliete Mari Doncato Brasil

*Uma mulher independente. Assim é Eliete Brasil. Natural de Vacaria, Rio Grande do Sul, Eliete lutou desde cedo pelo que queria. Com carinho relembra a infância, e valoriza as amizades que conquistou pelo Brasil. Eliete é formada em Biblioteconomia, tem no seu currículo o tempo que trabalhou como professora de educação infantil. Aos 45 anos, passou por diversas universidades até chegar a Unisinos. Conheça um pouco mais desta funcionária da Universidade na entrevista a seguir.*

**Origens** - Nasci em Vacaria, há 45 anos.

**Família** - Tenho dois irmãos mais novos, sendo que meu irmão mora comigo. Meus pais, minha irmã e afilhada, meus avós, enfim, toda a minha família mora em Vacaria.

**Infância** - Minhas lembranças mais vivas são das férias. Brincávamos muito em árvores, tomávamos banho de cachoeira, comíamos fruta no pé. Sempre quando entrava em férias, minha mãe me encaminhava para a casa dos meus avós no interior de São Marcos, na beira do Rio Redondo. Hoje, as crianças não têm mais isso: as brincadeiras foram substituídas pelos games e pela internet. Em casa convivia mais com a minha mãe, pois meu pai era motorista de caminhão e passava vários meses viajando. Dele, ouvíamos muitas histórias de suas viagens. Também passava muito tempo com o resto da minha família, com tios e primos, pois todos moram na mesma cidade. Todos os domingos reuníamos a família para o almoço na casa dos meus avós.

**Estudos** - Fiz o Ensino Fundamental e Médio em Vacaria. O Ensino Fundamental cursei em um colégio de freiras. Isso foi um problema pra mim na época. Eu era

muito questionadora, principalmente nas aulas de religião e não ficava satisfeita com o que me respondiam e acabava sempre de castigo na capela da escola, fazendo muitas orações. No Ensino Médio, mudei-me para uma escola pública e fiz o curso de análises químicas, pois no meu colégio anterior se cursava o Magistério e eu na época não queria ser professora. Nesta escola, fiz muitos amigos, que conservo até hoje. São 30 anos de amizade; sempre que visito a cidade procuro encontrar pelo menos alguém daquela época.

**Coincidência** - Casei-me com 18 anos. Saí de Vacaria e me mudei para Porto Alegre. Conheci meu marido quando fazia um curso de férias em Porto Alegre. Nessa época, morava em um pensionato, e, como não conhecia a cidade, ia para o curso de táxi. Com o tempo, essa maneira se tornou muito cara. Uma senhora que morava no pensionato me falou sobre um sobrinho que também estudava no mesmo local, e sugeriu que nos encontrássemos e viéssemos juntos. Um dia, cansada de pegar táxi, resolvi voltar de ônibus. No momento em que deveria descer do ônibus, o motorista me disse que estava na rua errada. Entrei em pânico porque era noite, e um rapaz se aproximou e disse que eu estava na rua certa. Chegando à frente do pensionato, ele me disse

que tinha uma tia que morava ali. Por coincidência, era a senhora com quem eu tinha conversado. Começamos a ir de ônibus juntos dali em diante.

**Casamento** - Nesse tempo que passamos juntos, surgiu nosso romance. Eu continuei morando em Vacaria e ele em Porto Alegre. Em oito meses de namoro, engravidei, e casamos. Na verdade, já tínhamos planejado nos casar. Em razão de um conselho da minha sogra, estávamos fazendo uma poupança para o casamento, que deveria acontecer em janeiro. A gravidez somente acelerou o processo e nos casamos em setembro de 1980. Quando casamos, mudei-me para Porto Alegre e meu filho, Vinícius, nasceu.

**Mudanças** - Nesses três anos de casamento, morei em muitos lugares. A primeira mudança foi para Blumenau, em razão da empresa que meu marido trabalhava. A segunda foi para o Mato Grosso do Sul, pois meu sogro tem uma fazenda e fomos trabalhar lá. Eu não tinha vontade de ir. Achei que não íamos nos adaptar morando num lugar tão distante e longe da família. Morando lá, não convivía muito com o meu marido, pois a fazenda ficava a 80 km do local onde morávamos. Decidi ir embora depois de um ano e oito meses. Achava que ali não teríamos futuro.

**Trabalho** - Meu primeiro emprego foi em um banco, em Vacaria, durante cinco meses. Lá, trabalhava como caixa. Como eu era muito atrapalhada com dinheiro, tinha um pouco de medo. Lembro que foi uma época muito legal da minha vida. Trabalhava com amigos da adolescência. Em Porto Alegre, também trabalhei no escritório de advocacia da minha sogra.

**Magistério** - Após a separação voltei para Porto Alegre, fiz o magistério e me especializei com educação infantil.

Trabalhei por quatro anos como professora de Jardim de Infância.

**Faculdade** - Depois do Magistério, resolvi cursar o Ensino Superior. Queria estudar em uma área ligada à educação, mas Letras e Pedagogia não me agradavam. Olhando o catálogo de cursos da UFRGS, interessei-me pelo curso de Biblioteconomia. Prestei o vestibular por insistência da minha mãe e sogra. Acreditava que esse curso poderia me ajudar a ser mais organizada. Para minha surpresa, no primeiro dia de aula, encontrei uma professora toda atrapalhada, que derrubou os seus materiais no chão da sala. A aula era meio atrapalhada, entretanto ela foi uma das melhores professoras que eu já conheci. Aprendi, com ela, muito sobre a vida, sobre o valor do ser humano, sobre humildade e liberdade. Olhando a cena, pensei que nunca ia aprender a me organizar. Nesse início cursei poucas cadeiras porque meu filho era pequeno. Não tive oportunidade de usufruir tudo o que uma universidade proporciona, porque trabalhava, fazia estágio e era monitora de algumas disciplinas. Mesmo assim, fiz muitos amigos.

**Histórias** - No primeiro semestre do curso, trabalhei como monitora em um Núcleo de Contação de Histórias, em que eu contava histórias para crianças, em hospitais, creches, vilas e asilos. Em uma dessas apresentações, um representante da prefeitura me convidou para trabalhar em um Projeto de Contação de Histórias da Prefeitura de Porto Alegre, onde fiquei por cinco anos. Durante esse tempo, continuei fazendo estágios, pois achava muito importante essa experiência, já que o curso de Biblioteconomia é muito teórico. Nesse trabalho, encontrávamos crianças carentes de atenção, e eu ficava feliz em saber que estava levando um pouquinho de alegria e conhecimento para aquelas crianças. Sinto falta daquele trabalho e tenho vontade de retomar esse projeto.

**Experiências** - Depois de formada, fui convidada para trabalhar na Viação Ouro e Prata. A empresa tinha feito uma gincana para arrecadar livros e então fiquei responsável de organizar a biblioteca. Esse trabalho foi muito interessante, já que a biblioteca é usada, principalmente, pelos funcionários com menor oportunidade de acesso à informação, como os mecânicos, o pessoal da limpeza, pintores, auxiliares de manutenção e motoristas. À tarde, eu trabalhava no Centro Universitário Ritter do Reis, na biblioteca. Nessa época, fiz um curso de especialização na Universidade Federal de Santa Catarina, em Gestão da Informação. Foi complicado: o curso ocorria uma vez por mês durante um ano eu trabalhei quase todos os dias das 8h às 20h porque tinha que compensar o horário para poder viajar. Mesmo com os obstáculos, foi uma época muito interessante, onde aprimorei meu conhecimento e fiz grandes amigos que mantenho até hoje. Depois desse trabalho, fui trabalhar no SESC, onde trabalhava muito em eventos nos fins de semana, e também na Feira do Livro.

**Oportunidade** - Surgiu uma vaga na FAPA, e fui chamada para uma entrevista. No mesmo dia da seleção, fui contratada e então pedi demissão do SESC. Quando comecei esse trabalho, pensei que iria ficar lá até a minha aposentadoria. Gostava muito de trabalhar lá, onde eu tinha muito contato com os professores e alunos. Na época, a FAPA era dividida em duas instituições. Depois de três anos trabalhando como bibliotecária na FAPCCA, aconteceu a união das duas instituições, e a biblioteca foi o primeiro setor a ser unificada. Todos os meus funcionários foram demitidos. Dali em diante, eu deixei de gostar do trabalho, o ambiente que antes era muita familiar e agradável tornou-se insuportável por problemas de relacionamento com um colega de trabalho. Saí da instituição e, dois anos depois, fui convidada por um grupo de professores que estavam montando uma nova faculdade e precisavam de uma bibliotecária para planejar, estruturar e organizar a

biblioteca. Nesse meio tempo, surgiu a vaga na Unisinos, à qual concorri, sendo selecionada.

**Livro** - Tem um livro que não esqueço, e acho que toda a adolescente devia ler: *Polyana e Polyana moça* (se bem que hoje os interesses são outros e talvez as adolescentes não sintam interesse por esse tipo de leitura). Gosto muito da Lya Luf. Estou lendo, no momento, *Perdas e ganhos*. Também aprecio a obra do Mário Quintana. É complicado como bibliotecária escolher uma obra, pois lemos muitos resumos, sumários, resenhas para poder catalogar os livros que recebemos. É obvio que não temos como ler os conteúdos na íntegra, se não levaríamos décadas para catalogar as obras da Biblioteca.

**Filme** - Um filme que assisti muitas vezes foi *Ghost* e gostei muito do filme *As pontes de Madison*. Como moro com meu irmão e com meu filho, acabo assistindo a filmes de ação, a exemplo da série *Velozes e furiosos*. Não gosto muito desse gênero, acho artificial, e acabo discutindo em casa sobre os filmes. Gosto de assistir, também, à série de televisão *The O.C.*

**Horas Livres** - Costumo passear no Parque da Redenção, sempre com o chimarrão a tiracolo. Gosto também de viajar. A última foi um *rafting* que fiz com meu filho e seus amigos, em Três Coroas. Nessa ocasião, conheci o templo budista localizado no município. Vou muito também a Santa Catarina, por conta dos amigos que tenho lá e de minhas afilhadas, que moram em Florianópolis.

**Esporte** - Não pratico nenhum esporte no momento, mas costumava andar de bicicleta. Em razão da violência das ruas, não pratico mais essa atividade.

**Brasil** - Estamos vivendo em uma sociedade doente. Acredito que as pessoas estão perdendo os valores que são importantes para a sobrevivência em comunidade. É

triste, às vezes não vejo a luz no fim do túnel. Penso que os valores, principalmente da família, devem ser resgatados. Mesmo separada, mantenho contato com a família de meu ex-marido, tenho uma sogra maravilhosa que me trata com muito carinho. Nas fotos da formatura do meu filho estamos todos juntos. É importante ter essa base. O Brasil está

atravessando uma fase em que se perdeu o conceito da família e da importância da vida, da dignidade do ser humano. As pessoas são assaltadas e mortas por razões desprezíveis, não existe mais o cuidado com o ser humano, e o número de moradores de rua cresce significativamente a cada dia. Em relação a isso, os governantes deviam tomar providências mais eficazes. Estamos vivendo em uma sociedade carente de valores morais, afetivos e éticos.

**Unisinos** - Adoro trabalhar na Unisinos e gosto muito da minha profissão. Quando comecei a trabalhar aqui, fiquei muito assustada, pensando que não iria conseguir. Acostumada a trabalhar em instituições pequenas, não dominava as Bases de Dados usadas na biblioteca da Universidade. As bases de dados são, em sua grande maioria, em inglês, e esse não é meu ponto forte. Na primeira semana, fiz um curso ministrado pela Capes, e

eu não entendia nada. Quando chegava em casa chorava muito. Com o apoio da minha mãe e de duas colegas de trabalhos, estudei muito e consegui. Hoje, trabalho no Setor de Processamento Técnico de Livro e Materiais Especiais, faço a Capacitação de calouros, elaboro as fichas catalográficas das teses e dissertações e ministro um Curso sobre as Normas da ABNT para elaboração de trabalhos acadêmicos. A Unisinos passa por um momento delicado, mas acredito que se todos vestirmos a camisa e trabalhamos em equipe essa fase fará parte do passado. Acredito que aqui é o um ótimo lugar para se trabalhar. A todo momento, temos oportunidade de aprender e colaborar de alguma forma com o crescimento da Instituição. Temos um ótimo espaço de trabalho. É um lugar com muita flexibilidade e apesar do tamanho da instituição sinto que temos um tratamento quase familiar.

**Instituto Humanitas Unisinos** - Penso que os serviços e programas oferecidos contribuem significativamente para o desenvolvimento da Instituição, dentro da visão humanista social que permeia nossas atividades.